



BÚSSOLA 21

ENCONTRO NACIONAL
BÚSSOLA 21

III JORNADAS DE INOVAÇÃO

Regresso ao sonho,
regresso à realidade



DOROTÉIAS
DA PROVÍNCIA
PORTUGUESA

FICHA TÉCNICA:

Título

III Jornadas de Inovação Bússola 21
Regresso ao sonho, regresso à realidade

Comissão organizadora

Irmã Margarida Ribeirinha
José Luís Gonçalves
Maria Sousa Soares
Pedro Jesus

Comissão científico-pedagógica

Joaquim Azevedo
Daniela Gonçalves
Irene Cortesão
Irmã Anabela Pereira
Irmã Idalécia Videira
Helena Marques
Pedro Jesus

Equipa técnica

Paulo Machado

Design gráfico

Daniela Costa

Organização

Pedro Jesus

Edição

Escola Superior De Educação De Paula Frassinetti

Local

Porto

Data

Dezembro de 2023

ISBN

978-989-35284-2-6



NOTAS SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO E-BOOK

Mais um ano volvido, novas Jornadas Bússola 21, celebrando alguns passos dados em 2022-2023 no desafiante caminho de inovação dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias em Portugal!

Ao chegarmos às III Jornadas de Inovação, simultaneamente o VII Encontro Nacional Bússola 21, sentiu-se a necessidade de se empreender um processo conjunto na construção do respetivo programa.

Em vez de se desafiarem os educadores e líderes escolares a apresentar experiências de inovação pedagógica, optou-se, desta vez, por encontrar, em conjunto, grandes questões/interrogações com as quais nos confrontamos, e a partir delas desafiar os Centros Educativos a apresentarem as suas comunicações/tentativas de resposta a essas interrogações.

Com base nesse processo, chegou-se a um conjunto de questões, em torno das quais se organizaram as comunicações das Jornadas e, como resultado delas, também o presente E-book, de acordo com a seguinte sequência.

Intervenções de abertura:

Se está tudo bem, porquê e para quê mudar?

O carisma das Irmãs Doroteias continua a responder aos desafios que o mundo de hoje lança à educação?

Mudança e melhoria da educação:

Porque é tão difícil mudar a escola?

Que cuidados ter na gestão da inovação e da mudança?

O que temos aprendido acerca do melhor modo de gerir a mudança e os processos de melhoria?

Integração das áreas de inovação:

Como temos feito a ligação entre as áreas de inovação?

Participação das crianças:

Participação das crianças, um caminho exigente: o que é que já aprendemos?

Bússola 21: resultados e impactos nos alunos (com base nas perceções dos educadores e nas avaliações realizadas):

Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Comunicação das dinâmicas de inovação em curso:

Como temos comunicado o Bússola 21 aos professores, alunos e famílias? O que é preciso melhorar?

Lideranças em transformação:

Que lideranças está a requerer o Bússola 21? Como nos estamos a preparar para desafios tão vastos e profundos?

Avaliação da inovação: aprender a avaliar para melhorar os processos e os resultados:

Avaliar a inovação é preciso: mas como deixar de ser sobrecarga e passar a ser um investimento?

Parabéns a todas e todos os autores!
Boas leituras.

PROGRAMA

Casa Nossa Senhora das Dores, Fátima | 14/07/2023

Hora	Auditório
9h30	Abertura das Jornadas Irmã Lúcia Soares
9h40	Intervenções de abertura <i>Se está tudo bem, porquê e para quê mudar?</i> Prof. Joaquim Azevedo <i>O carisma das Irmãs Doroteias continua a responder aos desafios que o mundo de hoje lança à educação?</i> Irmã Lúcia Soares
10h00	Mudança e melhoria da educação <i>Porque é tão difícil mudar a escola?</i> Maria Sousa Soares (CNSP) <i>Que cuidados ter na gestão da inovação e da mudança?</i> Teresa Casal (ISJ) <i>O que temos aprendido acerca do melhor modo de gerir a mudança e os processos de melhoria?</i> Paula Machado (EP)
10h30	Integração das áreas de inovação <i>Como temos feito a ligação entre as áreas de inovação?</i> Leonor Menezes (CS) Helena Vieira e Ana Monteiro (CNSP) Débora Andrade (OSPVI)
11h00	Coffee-break
11h30	Participação das crianças <i>Participação das crianças, um caminho exigente: o que é que já aprendemos?</i> Mafalda Frazão (EP) Daniela Martinho (OSPVI)
11h45	Bússola 21: resultados e impactos nos alunos (com base nas perceções dos educadores e nas avaliações realizadas) <i>Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?</i> Sofia Fragoso (EP) Marisa Marcelo (CS) Paula Branco (CIC) Ana Catarina Poeiras, Ana Lemos e Susana Nunes (CSD) Rafaela Novo, Francisca Pereira e Rodrigo Andrade (CNSP) Raquel Lourenço (FIC) Ana Patrícia Rodrigues e Dores Maciel (ISJ) Maria Inês Salgueiro (OSPVI) <i>Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?</i> Mónica Nogueira Soares e Isabel Cláudia Nogueira (ENA)
12h45	Almoço
14h15	Comunicação das dinâmicas de inovação em curso <i>Como temos comunicado o Bússola 21 aos professores, alunos e famílias? O que é preciso melhorar?</i> Fátima Tarouca (FIC) Kathy Silva (OSPVI) Adriana Moreira (ISJ) <i>Como temos comunicado o Bússola 21 aos professores, alunos e famílias? O que é preciso melhorar?</i> Pedro Jesus (EE)
14h45	Lideranças em transformação <i>Que lideranças está a requerer o Bússola 21? Como nos estamos a preparar para desafios tão vastos e profundos?</i> Paula Martins (CIC) Sónia Cunha (CS) Dina Pais e Sousa (EP) <i>Que lideranças está a requerer o Bússola 21? Como nos estamos a preparar para desafios tão vastos e profundos?</i> José Luís Gonçalves e Irmã Margarida Ribeirinha (EE)
15h15	Avaliação da inovação: aprender a avaliar para melhorar os processos e os resultados <i>Avaliar a inovação é preciso: mas como deixar de ser sobrecarga e passar a ser um investimento?</i> João Gouveia (ENA)
15h30	Encerramento das Jornadas Irmã Margarida Ribeirinha

Intervenções de abertura

Se está tudo bem, porquê e para quê mudar?

Joaquim Azevedo 7

O carisma das Irmãs Doroteias continua a responder aos desafios que o mundo de hoje lança à educação?

Irmã Lúcia Soares..... 10

Comunicações

Porque é tão difícil mudar a escola? (Ou Não!)

Maria Sousa Soares (CNSP)14

Que cuidados ter na gestão da inovação e da mudança?

Teresa Casal (ISJ).....15

O que temos aprendido acerca do melhor modo de gerir a mudança e os processos de melhoria?

Paula Machado (EP).....16

Como temos feito a ligação entre as áreas de inovação?

Leonor Menezes (CS)18

Helena Vieira e Ana Monteiro (CNSP).....19

Débora Andrade (OSPVI) 21

Participação das crianças, um caminho exigente: o que já aprendemos?

Mafalda Frazão (EP) 22

Daniela Martinho (OSPVI).....23

Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Sofia Fragoso (EP)24

Marisa Marcelo (CS)25

Paula Branco (CIC)26

Ana Catarina Poeiras, Ana Lemos e Susana Nunes (CSD).....27

Raquel Lourenço (FIC).....29

Ana Patrícia Rodrigues e Dores Maciel (ISJ).....31

Maria Inês Salgueiro (OSPVI) 32

Equipa Nacional de Avaliação Bússola 21.....33

Como comunicamos o Bússola 21 aos educadores, crianças e famílias?

Adriana Moreira (ISJ).....35

Kathy Silva (OSPVI).....37

Kathy Silva (OSPVI).....38

(Re)animadores de andorinhas... ou um ato de amor e resistência que encara a inovação em educação como construção de uma narrativa comum

Pedro Jesus (EE).....39

Que lideranças está a requerer o Bússola 21? Como nos estamos a preparar para desafios tão vastos e profundos?

Sónia Cunha (CS) 40

Paula Martins (CIC)41

Dina Pais e Sousa (EP).....42

José Luís Gonçalves e Irmã Margarida Ribeirinha (EE)43

Avaliar a inovação é preciso: mas como deixar de ser sobrecarga e passar a ser um investimento?

Equipa Nacional de Avaliação Bússola 21:.....45

Se está tudo bem, porquê e para quê mudar?

Joaquim Azevedo

Bem-vindos! É muito bom estarmos aqui, no fim de mais um ano letivo e após a acumulação de mais experiência e conhecimento sobre como melhorar a educação. Mais experiência e conhecimento que reforçam a nossa esperança. Apostamos, em cada Centro Educativo (CE) e em comum, na reflexão conjunta e contínua sobre o que fizemos e sobre o que queremos fazer, tendo em vista melhorar sempre o caminho que ainda temos para andar. Celebremos hoje tantos e tão importantes passos já dados, escutando-nos uns aos outros.

Nesta abertura dos trabalhos, o meu foco é este: temos de melhorar mesmo a educação que oferecemos, foi para isso que se lançou o Bússola 21 (B21), que se percorreram já cinco anos de caminhos de inovação e que estamos aqui, prontos para continuar, cada vez mais focados nos alunos, nas suas aprendizagens e no seu desenvolvimento integral, no acompanhamento e apoio aos educadores e na promoção das mudanças organizacionais inadiáveis. E temos de melhorar a educação não porque nos lembramos disso num “sonho de uma noite de Verão”, mas porque é isso que o mundo de hoje nos reclama, porque é um imperativo ético, social e cultural.

A educação está hoje sob um “efeito tesoura”, em que se cruzam diferentes dinâmicas socioculturais e económicas, uma espécie de “tempestade perfeita”, que nos deveria fazer estremecer, primeiro como seres humanos, pais, filhos, irmãos, membros de uma dada comunidade, e depois como educadores, corresponsáveis pelo pleno desenvolvimento humano de muitos cidadãos.

Eu sei que as várias “revoluções tecnológicas em curso” nos deixam surpreendidos, maravilhados e com imensa esperança em torno dos seus potenciais benefícios, sociais e pessoais -internet, redes sociais, desmaterialização das TIC, articulação entre robótica, biociências, neurociências e bioengenharia, inteligência artificial, ... Os impactos previsíveis são gigantescos, na economia, saúde, ecologia e sustentabilidade, ...

Eu sei que as crianças e os jovens aderem com enorme facilidade a estas várias “revoluções tecnológicas em curso” e que isso constitui um grande potencial de evolução social e pessoal.

Mas, ao mesmo tempo, não posso ignorar:

- (que) a informação e as novas tecnologias, só por si, não iluminam o mundo, podem mesmo obscurecê-lo (Han, 2022: 17);

- (que) as crianças e os jovens (sem deixar os adultos de fora) podem agora viver bastante mais isolados e sós (porque dispensam a presença do outro);

- (que) podem ser exponencialmente mais facilmente manipuladas, com todas as consequências que isso comporta, em particular a perda da sua liberdade pessoal, esse bem tão árdua e preciosamente conquistado, um bem que só se tende a valorizar quando se perde, ...

- (que) nas palavras do filósofo contemporâneo Han, regressamos ao feudalismo: se antes trabalhávamos os campos dos senhores feudais, de sol a sol, agora, igualmente incansáveis, lavramos as suas terras, por exemplo as redes sociais, e de dia e de noite produzimos dados valiosos, dos quais eles desfrutam; aparentemente livres, a “fazer o que gostamos”, estamos “completamente explorados, vigiados e controlados” (Han, 2022: 32).

- (que) trabalhamos nas suas “terras” e outorgamos-lhes todas as possibilidades de enriquecerem e de exercerem sobre nós um poder politicamente incontrolado, por cima dos estados nacionais e fora do controlo político e democrático, tornando-nos presas nas mãos de algoritmos e potentes robôs.

Por outro lado, os professores, um corpo profissional muito envelhecido, encontram-se cada vez mais desvalorizados pela sociedade, mais desgastados pelo muito difícil exercício da sua missão, pela “indisciplina” e “desmotivação” dos alunos e pelas políticas públicas erráticas para a educação. Há cada vez menos interesse da parte dos jovens em exercer esta nobre profissão e os que a procuram fazem-no, tantas vezes, como último recurso. E não é apenas cá em Portugal: o mesmo está a acontecer, por exemplo, em França ou no Reino Unido. É preciso saber ouvir a voz que emana destes sinais. Há um desgaste, um cansaço, uma descrença que grassam como plantas invasoras num jardim entre os educadores e professores.

Neste contexto, não podemos ignorar que muitas crianças e jovens estão a perder a possibilidade de se encontrarem consigo mesmos e com os outros, com a sua comunidade, e que isso corresponde a um desastre cultural de consequências imprevisíveis:

- o acesso a tanta informação e a tanta falsa informação inscreve-se em que quadro de valores e de escolhas conscientes?

- como fazer face à manipulação e ao controlo externo sobre as vidas dos cidadãos?

- como enfrentar o desafio de um crescimento e desenvolvimento pessoal se estes estão truncados na riqueza do encontro com o outro e o diferente?

- como fazer face ao outro lado desta consequência, que é a tendência para o ensimesmamento e o autocentramento, o fechamento sobre os iguais (a base da violência)?

- e ainda como contrariar esta solidão forçada e a dificuldade de vivermos juntos, em comunidade, cultivando a empatia e a solidariedade?

- e como enfrentar a dificuldade em nos adentrarmos na vida e nos seus mistérios, naquilo que nos transcende e define, e nas possibilidades de florescermos como pessoas únicas e inteiras?

As consequências para a educação são imensas e muito profundas. Não, não é só o facto de os alunos pedirem ao ChatGPT para elaborar as respostas que eles teriam de construir, não é só o viver colado ao telemóvel, não, o que está em jogo é isso e muito mais do que isso. É a própria dificuldade em cada um parar, respirar fundo e deslumbrar-se, em ser capaz de elaborar as perguntas, em questionar as torrentes de informação, em interrogar o mundo e a vida, a sociedade, e fazê-lo sem medo, em liberdade e responsabilidade e em conjunto com outros, os iguais e os diferentes.

As consequências são tão profundas que a educação escolar, como a desenvolvemos há mais de duzentos anos, pode ruir como um castelo de cartas, em torno do individualismo, da “individualização” das aprendizagens, das plataformas eletrónicas e da “ausência do outro”. O sistema já começou a ruir, diante dos nossos olhos, como se vê com o crescimento dos “Hub Educativos” (cada aluno para seu lado, em sua casa, com “encontros” periódicos com os “tutores”) e das “escolas internacionais” ou com o regresso ao “ensino doméstico” e com o desrespeito generalizado pela missão e função dos professores, a par da desorientação dos pais e dos políticos.

Se o ChatGPT, o Bard e muitos outros “produtos-maravilha” da robótica e da IA dão as respostas às perguntas que os professores enunciam nas aulas, a escola servirá doravante para quê? Temos de pensar: como escolas de uma rede de uma congregação católica e tendo em conta o contexto sociocultural atual, onde estaremos daqui a dez anos? E é aí que queremos e devemos estar? Não corremos o risco de ver esta escola transformar-se numa organização cada vez mais irrelevante, a entrar no futuro às arrechuas?

Neil Postman, há quase trinta anos (The end of education, 1995), dizia que a educação também tem a missão cultural de resistir a estes assaltos à liberdade e à humanidade de cada ser humano, à preservação das possibilidades de, todos juntos e no espaço público, promovermos o desenvolvimento humano integral de cada criança e jovem, para usar um conceito que nos é tão caro.

O que é que ainda não compreendemos? Quantos desenhos mais é preciso fazer? Ainda não está claro que o modelo tradicional de escola tem de mudar? Estamos à espera que aconteça o quê?

A resposta que ouço muitas vezes, é esta: temos os colégios cheios, para quê mudar, porquê e para quê preocuparmo-nos antes do tempo?

Iremos re-agir quando o fogo nos chegar à soleira da porta? Não sabemos que é no tempo da abundância e enquanto estamos no planalto que é preciso realizar as transformações necessárias nos modelos pedagógicos, organizacionais e nos espaços e equipamentos?

Quando estivermos num plano inclinado, estaremos a cair e, enquanto se derrapa, o que funciona é o salve-se quem puder, e aí será muito mais difícil fazer o que quer que seja, bem feito. Não sabemos que muitos colégios fecharam em Portugal, nos últimos 20 anos? E não entendemos que, acossados e desorientados, os líderes partidários que se autointitulam como os paladinos da defesa da “escola pública”, também ela a passar momentos muito críticos, atacam ainda mais fortemente a “escola privada” e a “escola católica”, em particular?

E não temos sido capazes de ver que estes e outros colégios, que se encontravam em risco de encerrar, empreenderam profundas metamorfoses, apostaram num modelo de educação bem diferente e hoje caminham com confiança para este futuro tão imprevisível e desafiante? E que outras novas escolas se estão a criar sobre modelos pedagógicos alternativos? E que a nova oferta educativa que está a crescer nas grandes cidades é a dos “Hub educativos”, das certificações internacionais e do ensino doméstico?

Por vezes, dizem-me que sou um pessimista. É assim que habitualmente se resolvem os problemas mais difíceis: colocam-se os defeitos no mensageiro ou anulam-se as suas mensagens, conquistando assim a possibilidade de não as olharmos de frente, em toda a sua complexidade, preferindo viver em paz e alienados, com os colégios cheios, nas mãos delicadas dos novos senhores feudais, trabalhando de sol a sol as suas terras, sem questionar a idolatria em que mergulhámos.

Felizmente, os CE das Irmãs Doroteias puseram os pés ao caminho e estão apostados em escutar esta realidade em transformação tão profunda e melhorar a educação que promovem, a “Escola Que Queremos”.

Não, o B21 não foi nem é “uma mania delas e deles”, uma coisa que o nosso colégio tem de fazer porque “elas e eles querem”? Não, o B21 foi e é uma resposta inspirada e ousada aos sinais dos tempos, uma graça do Espírito Santo, a que nos cabe aqui e agora continuar a dar uma forma e transformar em compromissos concretos, individuais e coletivos. O B21 está aqui e muito vivo, no dia de hoje, em que vamos poder partilhar tanto caminho bem feito e tantas inquietações que ainda nos habitam!

Jesus, que é o meu mestre, e também o de muitos de vós, disse, entre outras, duas palavras aos que o seguiam, algo que muito me inspira.

Primeira: **ide** e anunciai a boa nova. Ou seja, é preciso sair sempre do quadro de conforto em que nos instalamos e estar aberto e disponível para dar novos passos e empreender novos gestos, sem ter de partir carregados com os sacos e as roupas do passado. E isso é o que a maioria dos educadores dos nossos CE aceitou fazer: partir, com disponibilidade e sem calculismos. E os frutos já estão à vista e são muito saborosos. Dão muito trabalho, é certo. Mas sabem muito bem, sabem a crianças e jovens mais livres, ativas, participativas, competentes, que têm novas oportunidades de se encontrarem consigo mesmas e com os outros, que se abrem ao mistério da vida e ao compromisso com os mais necessitados. De facto, para captar os sinais dos tempos e melhorar a educação é preciso estar vigilante, é preciso **estar a caminho**, com total disponibilidade e coragem; só assim se conhecem e aproveitam as belezas e as agruras que cada caminho contém; fazer de conta que caminhamos, andando sobre um tapete mecânico, é que não é modo de vida.

A segunda é: **não tenhais medo**. Jesus repetiu-o várias vezes, sempre por estas mesmas palavras e em várias circunstâncias, no meio de “tempestades perfeitas” e em tempo de bonança e em momentos de envio. Como diz António Pedro Monteiro, o contrário da vida não é a morte, que dela faz parte, mas sim o medo. Aprender a confiar é essencial, a confiar em nós e no nosso trabalho colaborativo e em rede, conscientes de que somos trabalhadores de uma vinha que não nos pertence, e a confiar em Deus que nos guia sempre e nunca nos abandona quando nos pomos a caminho, como se tem visto ao longo destes cinco anos.

Coragem, pois, para os próximos passos que temos de dar.

O carisma das Irmãs Doroteias continua a responder aos desafios que o mundo de hoje lança à educação?

Irmã Lúcia Soares

Regresso ao sonho, regresso à realidade...

Este tema marca de uma forma feliz o ponto em que estamos. Há que regressar não para a realidade sem sonho, nem para o sonho sem a realidade, mas trazer a realidade ao sonho e o sonho à realidade – que implica viver uma tensão – mas uma tensão positiva. D. José Tolentino diz-nos que só podemos caminhar com um pé no chão e outro no ar...

O Bússola 21 foi uma força introduzida (horizonte e experiência) para nos ir despertando, nos ir fazendo experimentar, provar o estilo novo que queríamos ... às vezes sentido como um corpo estranho, uma tarefa a acrescentar às muitas outras ... mas foi injetando novidade e está a tornar-se processo global e dinâmico... o nosso modo de ser e de estar em escola...

Estamos a viver, já não um projeto mais a acrescentar ao nosso modo habitual de ser Escola, no dia a dia, mas a fazer do coração do projeto o nosso modo de ser Escola. Fizemos muitas experiências, elaborámos os vários referentes que norteiam o caminho: Perfil do Aluno; Perfil do Educador; Interioridade; a Escola Que Queremos... Até 2026 é uma etapa com objetivos e metas, depois será uma nova etapa e depois e depois... porque o nosso modo de ser escola é dinâmico e progressivo, sempre a trazer a realidade ao sonho e o sonho à realidade...

“Abri o coração às maiores esperanças para o futuro...” (757,3)

“Não há circunstância alguma da nossa vida na qual não vejamos o nosso bom Jesus que vai adiante, ensinando-nos não só o caminho, mas também a maneira de o percorrer, sustentando-nos ainda nos passos mais difíceis. Portanto, coragem! (262,6)

O CARISMA DAS IRMÃS DOROTEIAS CONTINUA A RESPONDER AOS DESAFIOS QUE O MUNDO DE HOJE LANÇA À EDUCAÇÃO?

Eu penso que o nosso Carisma continua a responder e tem futuro, porque tem coração!

Três Palavras-chave, que quero comentar, sempre a partir do coração:

- **Coração**
- **Integral**
- **Pessoas**

CORAÇÃO

O desafio do digital, da inteligência artificial, do “tudo à distância de um clique”, da possibilidade de viver num mundo paralelo, alienado... faz ver de forma determinante

que só o que chega ao coração permanece e tem futuro. Só o que chega ao coração e aí lança raízes pode provocar um crescimento a partir de dentro, progressivamente assumido – protagonista da própria vida...

Chegar ao coração – reconduzir tudo ao coração – o centro onde, continuamente, somos afetados por Deus – Jesus, pelo outro, pelos acontecimentos, pela vida, numa libertação permanente do ser centro de si mesmo...

Trabalhar o coração – Saber ser senhor de si mesmo para ser protagonista da própria vida, sempre foi determinante desde Santa Paula, que preconizava uma educação sólida, centrada no essencial, sem se deixar levar por uma sensibilidade à flor da pele... Hoje, o fragmentado das experiências e da vida, a velocidade a que se vive, o desconhecimento do mundo interior e dos movimentos do coração, as experiências afetivas traumatizantes ... tornam mais premente esta aprendizagem do coração, este trabalhar a vida interior, como parte integrante do processo educativo... Por isso, o grande investimento na educação da interioridade e de todas as formas na linha da formação humana e da pastoral que facilitam o chegar ao coração e trabalhar o coração...

Educar pela via do coração e do amor – E é usando a via do coração que se pode chegar ao coração. Desde Santa Paula que o “método suave e maternal”, a “via do coração e do amor”, a “firmeza e a suavidade”, o “conquistar os corações” são marca essencial da pedagogia de fundo nas Escolas. Deixar-se possuir pela pedagogia de Jesus é condição para ser educador, como dizem as nossas Constituições (26) porque é ela que permite que as pessoas que tocam a nossa vida se sintam amadas por Deus e acreditem nesse amor e só a experiência do amor faz querer crescer...

INTEGRAL – Tudo é capela

Educação integral a partir do coração, que integra todas as dimensões da pessoa, todas as aprendizagens, todas as experiências, os ambientes... tudo é e contribui para a experiência educativa... perante o desafio do fragmentado, do justaposto, da especialização, das disciplinas do currículo umas ao lado das outras, dos domínios separados... O Padre Adolfo Nicolás, antigo Geral dos Jesuítas, conta uma história passada no Japão para falar desta educação integral – em que tudo: aulas, desporto, teatro, música, atos religiosos... são expressão da educação integral, universal e aberta ao serviço dos outros:

Um professor budista de um colégio dos jesuítas que se lamenta de que haja uma capela que para ele era um lugar propício à manipulação do cérebro dos estudantes.

Até que outro companheiro budista, também professor no mesmo centro, lhe diz: “Estás a queixar-te das celebrações que os jesuítas realizam na capela. Não entendeste absolutamente nada. Neste colégio, desde o momento em que passas a porta e entras, **tudo é capela**”.

As celebrações ao lado, os atos isolados, as aulas só por si ... não chegam a construir pessoas, se não é **tudo capela** ... ou o que quisermos chamar-lhe...

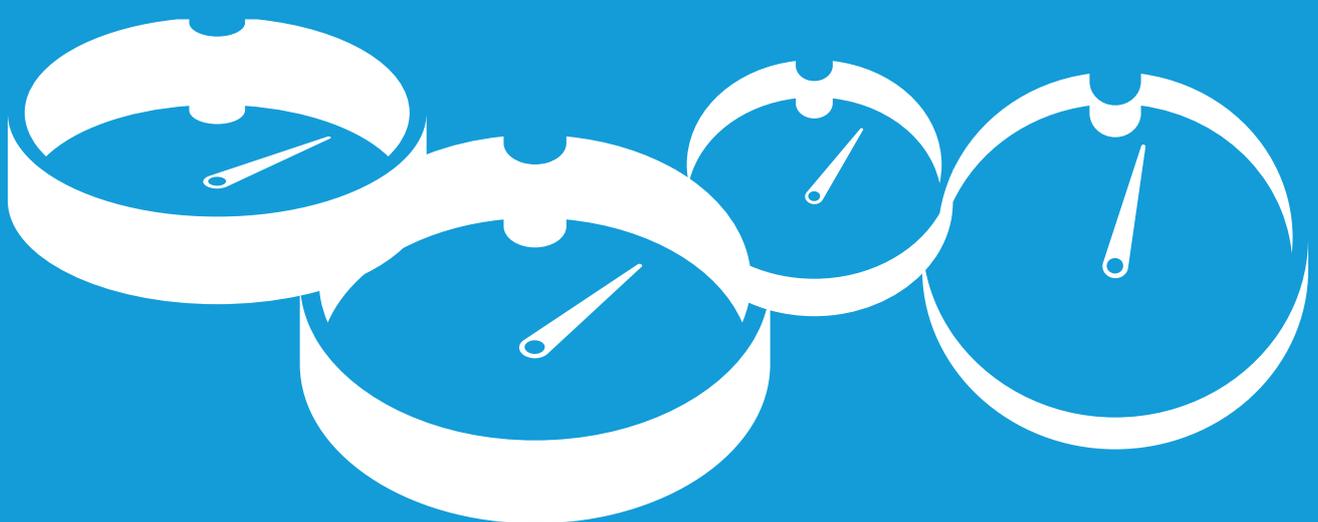
PESSOAS INTEIRAS, DE RELAÇÃO, DE SERVIÇO

Perante os desafios da aparência e do superficial, do não consistente/ líquido, do subjetivismo e relativismo, da não verdade ... a urgência de educar em espírito de simplicidade, pessoas inteiras, livres e responsáveis...

A busca de uma felicidade e realização pessoal egoísta, a crise do sentido do outro, a insegurança que leva a considerar o outro como ameaça, a marginalizar, excluir... O desafio da fraternidade universal, do diferente, do intercultural, do “nós” ... torna mais urgente o educar em espírito de família, educar pessoas capazes de relação, de humanidade, de cooperação...

Num mundo estruturalmente injusto, onde está em primeiro lugar a satisfação dos interesses individuais, sem sentido do bem comum, da casa comum, que acentua as desigualdades, a marginalização, a indiferença ... a urgência de pessoas compassivas e solidárias, capazes de entrega e compromisso, criativas de respostas transformadoras...

COMUNICAÇÕES



Porque é tão difícil mudar a escola? (Ou Não!)

Maria Sousa Soares (CNSP)

A razão principal é o MEDO!

O principal motivo que pode levar a um evitamento constante, mesmo em momentos ou períodos em que existe uma consciência alargada e consensual sobre a necessidade de mudança, é o medo.

Este medo ou receio é geralmente um sentimento coletivo (mais agudo em alguns membros da comunidade e menos noutros) que se estende aos vários campos da mudança: a sua verdadeira e objetiva necessidade; as diferentes formas de a levar a cabo; as suas potenciais consequências negativas; a dificuldade de envolvimento de todos os stakeholders e a gestão das suas expectativas, etc., etc.

O “medo coletivo” é justificado, compreensível e, em boa parte, saudável (bom).

Porque ele é próprio de quem é responsável e consciente, sobretudo da necessidade de fundamentar, planear e avaliar todos os processos de mudança.

O medo também é útil, muito útil, porque... obriga a pensar... obriga a refletir, a discutir, contradizer, criticar, sugerir.

Assim, PENSAR ... REFLETIR... discutir são os principais GANHOS, (resultados/consequências) do próprio medo dos processos de mudança.

Ou seja, o medo dos processos de mudança pode ser o motor da própria mudança!

Por isso, podemos afirmar que uma escola em mudança será...

... Uma escola que mantém constante um processo de reflexão de TODOS, sobre (quase!) TUDO.

... Uma escola que alcança os PRODUTOS que essa reflexão se propõe alcançar, com determinação.

Ao longo de todo o processo Bússola 21 temos pensado que mudar a escola é...

- Aprender a partir de projetos interdisciplinares...
- Promover até ao último “degrau” a participação dos alunos...
- Cuidar da sua interioridade...

E isso está certo. No entanto, essas são as exigências atuais, o *agora, hoje*, aquilo que o contexto nos pede com vista à formação integral dos nossos alunos e à promoção da sua aprendizagem.

No entanto, estes não são objetivos finais, derradeiros, não são o objetivo de qualquer processo de mudança.

O objetivo final da mudança que queremos é...

manter constante um processo de reflexão de TODOS, sobre TUDO...

... em qualquer TEMPO

Que leva a novas mudanças... e estas... a novas reflexões...

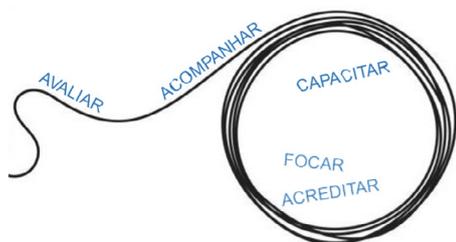
Sempre com vista à construção do projeto de vida de cada um e à transformação do Mundo.

Mudar a escola NÃO é difícil! Temos nela tudo o que é preciso!

Que cuidados ter na gestão da inovação e da mudança?

Teresa Casal (ISJ)

A imagem do novelo desalinhado que simboliza o sentimento da equipa no início do projeto: que traduz a insegurança, o medo da equipa em sair da sua zona de conforto... Desde o início do projeto Bússola 21, que a Equipa Diretiva do Instituto S. José estava perfeitamente consciente que para abraçar este desafio de inovação e mudança, o primeiro grande cuidado seria com as pessoas, pois a mudança é realizada pelas e com as pessoas que desempenham um papel fundamental na Instituição e no sucesso/insucesso das inovações que pretendemos estabelecer. Alguns verbos que acompanharam este caminho que como equipa diretiva temos vivido:



ACREDITAR

- Confiar que este é o caminho para inovar o Centro Educativo e ajudar a formar/crescer as crianças de hoje;
- Na liderança partilhada e na corresponsabilidade de todos e cada um dos membros da comunidade educativa - todos são necessários para assumir, com a qualidade exigida, os desafios a que nos propomos;
- Acreditar que para inovar são os educadores os principais agentes de mudança e que deste modo uma outra escola é possível.

Do acreditar... o foco...

FOCAR

- Na escola que queremos;
- Na mudança para a melhoria que se pretende fazer;
- No desenho do horizonte que é a força motriz da mudança, ter um horizonte claro: para onde queremos ir e como lá chegar...

A nossa prioridade foi e continua a ser

SENSIBILIZAR/MOTIVAR

- Importante perceber o sentido da mudança e criar essa necessidade em toda a comunidade;
- Organizar pequenas equipas com o apoio dos peritos;
- Mais tarde as equipas foram alargadas e envolvemos todos: crianças/jovens e famílias em todo este processo;

Daqui surge a necessidade de:

CAPACITAR toda a equipa - Como desafios:

- Elaborar um projeto de desenvolvimento profissional;

- Construir comunidades de aprendizagem - uma formação em ação - uma organização aprendente;
- Promover a construção e o desenvolvimento de projetos comuns; (Equipa resiliente... mesmo perante tantos desafios no final de ano, manteve todo o entusiasmo e motivação...)
- Continuar a estabelecer redes interinstitucionais: ver como outros Centros Educativos estão a fazer para capacitar verdadeiramente as pessoas.

Surge um novo desafio:

ACOMPANHAR

- O desenvolvimento profissional do educador, através de práticas da escuta, de proximidade, apoio efetivo e reconhecimento;
 - Prever tempo de trabalho colaborativo, um tempo útil e significativo que tenha consequências positivas na melhoria dos processos e dos resultados educativos: *Desenhar em conjunto, refletir e aprender uns com os outros;*
 - *Respeitar o ritmo de cada colaborador...*
- Por fim uma atenção especial com a avaliação*

AVALIAR (centrada na qualidade do processo)

- Ter responsáveis que vão recolhendo sistematicamente toda a informação;
- Monitorizar o que está a ser desenvolvido e como está a ser desenvolvido é fundamental para que o processo de inovação e mudança seja eficaz;
- Avaliar para conhecer e melhorar permanentemente o que fazemos;
- Avaliar o impacto daquilo que estamos a fazer, junto das crianças e educadores, escutar e ouvir as diferentes opiniões;
- Avaliação qualitativa realizada de forma rigorosa e coerente.

Em todo este processo sublinho a importância do alinhamento da Direção com toda a equipa Pedagógica

E com base neste pensamento de Paulo Freire, enalteço o esforço que toda a equipa tem vindo a fazer para “aproximar o que se diz do que se faz” na prática pedagógica.



O que temos aprendido acerca do melhor modo de gerir a mudança e os processos de melhoria?

Paula Machado (EP)

Ponto prévio

O melhor modo de gerir a mudança será sempre aquele que considera as especificidades de cada escola, os seus pontos fortes, as suas fragilidades e as motivações daqueles que serão a cabeça e os braços responsáveis pela conceção e operacionalização dessa mudança.

Cada mudança é única e pode implicar abordagens diferentes. No Externato do Parque este processo não tem sido linear, “certinho”, mas tem promovido um crescimento muito grande em toda a equipa, uma vez que tem permitido não só um maior conhecimento das potencialidades de cada um, mas também tem conduzido a uma saída da chamada “zona de conforto”.

Não é fácil em 5 minutos fazer memória de um processo que foi iniciado em 2018, mas tentando encontrar alguns elementos-chave, destacaria os seguintes:

Acreditar que a mudança é uma coisa boa

Envolver uma comunidade neste processo implica uma convicção forte de que a mudança não só é necessária como é boa. Não se muda para algo que não se acredita ser melhor. Então para isso ficamos como estamos, porque o modelo atual é conhecido e há a perceção que funciona (*eles aprendem, sempre aprenderam*).

Gerir a mudança implica ter uma visão clara dos objetivos a atingir e do caminho para os atingir, mas implica sobretudo acreditar profundamente nesses objetivos e nesse caminho. O entusiasmo e a confiança são contagiosos.

Comunicar sempre de forma clara e aberta

A confiança nos processos de mudança é muito maior quando se mantêm canais de comunicação abertos e quando a mensagem é clara. Mudamos do quê para o quê, como e quando, e sobretudo porquê.

A comunicação também ajuda a reduzir os níveis de resistência à mudança, que são normais porque conferem estabilidade, porque as pessoas se sentem mais envolvidas no processo. E não há mudança real e efetiva se as motivações não forem internas.

Saber escutar e perceber o ambiente institucional

A mudança, na escola, depende de todos, mas cada um a percebe de forma diferente, porque há formações, experiências, personalidades próprias. É fundamental a escuta ativa de todos os envolvidos. É preciso conhecer as expectativas, receios e opiniões porque a mudança não pode ser imposta, tem de ser proposta, é um namoro, um processo de conquista.

Em determinada altura foi importante reunir com todos

os docentes e não docentes e conversar, ouvir cada um. Foi muito tempo investido nestas reuniões, mas houve uma mudança significativa no ambiente da escola e no envolvimento de todos na mudança. Como também foi importante debater e refletir em grupo, partilhar as dificuldades e as conquistas, as inseguranças e os sucessos e perceber que não faz mal ter dúvidas, receios, discordar, discutir. O que faz mal é a chamada *paz podre*...

Acompanhar e avaliar o processo de forma contínua

Quando, como no nosso caso, ainda há alguma dificuldade nestes processos de avaliação, pedir ajuda é muito importante. Para nós foi fundamental poder contar com alguém que, não fazendo parte da equipa educativa, tinha o conhecimento e o distanciamento crítico para nos orientar. E não ter medo de abraçar o erro e ver nele todo o potencial de evolução que encerra. O medo de não fazer bem à primeira, na nossa perspetiva, inibe qualquer mudança. O nosso plano de ação sofreu mais alterações do que a localização do novo aeroporto de Lisboa, por exemplo.

Saber parar para recentrar

Escutar e perceber o ambiente que se vive na escola pode implicar uma paragem para recalcular o caminho, repensar as estratégias, ajustar os recursos existentes, mas sem nunca perder de vista os objetivos que se pretendem atingir. Estes momentos, em que se cria sintonia, são importantes, sobretudo quando há mudanças nas equipas educativas, ou quando o processo se prolonga no tempo.

Reunimos toda a equipa porque sentimos que os objetivos começavam a não estar tão claros, ou tão presentes. Foi importante recentrar e compreender que algumas coisas são negociáveis, mas outras não, porque definem a escola que queremos ser.

Celebrar as conquistas

Por vezes tendemos a esquecer a importância de celebrar as conquistas, valorizar os marcos importantes que se atingiram. Isto é fundamental para manter a motivação e perceber que as opções feitas e o esforço despendido valeram a pena. É um ponto em que temos investido, não acabamos o ano sem elencar as conquistas que fomos fazendo e não queremos perder.

Também nem sempre valorizamos o que de muito bom já se faz e tendemos a esquecer o potencial formativo que aqui está contido. A partilha entre colegas das dinâmicas/estratégias/recursos que são usados permite desmontar preconceitos (ver para crer) e minimizar an-

siedades. Procurámos criar estes momentos de partilha, sobre dimensões da prática docente como a avaliação, as Metodologias Ativas Significativas (MAS), o trabalho colaborativo,...

No fundo, é importante perceber que a mudança é um processo que nunca é linear, porque é feito de pessoas. A algumas será preciso dar um empurrãozinho para saírem

da sua zona de conforto; a outras por um travão para não perderem o pé. Haverá momentos em que as mudanças parecem acontecer e consolidar-se com mais rapidez; outros em que a lentidão é desesperante. Mas tudo faz parte do processo e, como escreve um famoso filósofo, “Nada é permanente, exceto a mudança”. (Heráclito)

Como temos feito a ligação entre as áreas de inovação?

Leonor Menezes (CS)

A escola mudou. Há muito que tem vindo a sofrer transformações sucessivas e céleres. Tornou-se inquietante o modo de ser, fazer e estar em e na escola. Algo tinha de mudar, de ser alterado. A educação não podia continuar a ser pensada de forma uniforme para todos. A aprendizagem através do fazer permitiu que os alunos aprendessem que os problemas da vida real podem ser resolvidos através das suas ações, de forma solidária, com a ajuda de todos no contributo a dar. E se a inovação implica a ação, as potencialidades de cada um e as suas competências tornam-se mais desenvolvidas. Assim, desta forma, a inovação é perspetivada atendendo à diversidade dos alunos, dos espaços de aprendizagem, do currículo. Por isso, repensar a escola levou-nos a considerar as áreas de inovação de modo articulado, necessitando de um fio condutor. Daí que o Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias (PA) nos leve a reiterar a existência de dois eixos que, de certa forma, nos guiam e conduzem a esta ligação: **o aluno como protagonista da própria vida e agente transformador da realidade.**

No Colégio do Sardão, temos procurado articular as três áreas de inovação, de forma progressiva, em vista à sua união como prática regular, com o intuito de desenvolver as competências do PA.

Verifica-se um trabalho conjunto e agregador, uma vez que, em cada par pedagógico, há elementos de diferentes áreas de inovação, o que permite uma visão mais holística do processo de inovação. Além disso, fomentamos a partilha de informações, conhecimentos, práticas e experiências, em espaço de reunião coletiva. Onde a partilha nos conduz à reflexão e à ação, novamente.

Dado o exterior privilegiado que o nosso colégio dispõe, temos tirado partido dos diferentes espaços físicos (espaços de aprendizagem) para a promoção das aprendizagens, atendendo à articulação entre as áreas do saber e, conseqüentemente, de inovação.

Esta nossa forma de educar, que pretende promover o crescimento harmonioso de todas as dimensões da pessoa, situa a criança no centro da aprendizagem, privilegiando-a como agente ativo no seu processo de aprendizagem e construção de ser e saberes. Este ano, voltamos a privilegiar a aprendizagem baseada em projetos, bem como a utilização de metodologias ativas significativas, para trabalhar a interdisciplinaridade.

Os temas em investigação surgem nos diferentes grupos-turma de diversas formas, partindo, com alguma frequência, dos interesses dos alunos e das suas vivências no contexto escolar e familiar. Conseqüentemente, há uma co-construção do saber pensar, do saber fazer, do saber ser e do saber estar.

O pré-escolar é o local primordial onde a participação das crianças é, de há muitos anos, uma realidade efetiva, evidente e concretizável. A partir da escuta e participação das crianças, vai-se construindo o projeto, assumindo o educador o papel de moderador. Este tem em consideração os contributos de todos e de cada um, ajudando-os nas opções e decisões ao nível da elaboração da pergunta de partida e das pesquisas que conduzem a investigação e a vivência do projeto.

Embora os processos de ensino e de aprendizagem possam surgir de forma quer espontânea, quer planeada, ambos exigem um trabalho prévio por parte do educador/professor, o qual assume a orientação, redirecionando “o caminho” sempre que necessário. Entre a planificação, o processo em si e o produto final é preciso que o professor esteja aberto ao caminho construído em conjunto e saiba motivar os seus alunos a permanecerem nesse caminho ou noutros que possam surgir, desde que se revelem caminhos de saber, bem-estar e evolução.

Ao articular as três áreas de inovação, é nossa convicção que estamos a desenvolver as competências do PA, desejando que seja de forma harmoniosa e integral.

Inovação Pedagógica: A Participação Ativa dos Alunos no projeto de Gestão curricular “Ponto a Ponto: Nasce uma imagem”

Helena Vieira e Ana Monteiro (CNSP)

Nas III Jornadas de Inovação Bússola 21, tivemos a oportunidade de fazer uma apresentação sobre a integração da gestão curricular e da participação dos alunos em sala de aula. O objetivo foi mostrar como, no Colégio Nossa Senhora da Paz, estamos a caminhar para promover a participação ativa dos alunos na gestão curricular. Assim, a apresentação focou as diferenças na abordagem de um trabalho de projeto nos anos letivos de 2021/2022 e 2022/2023



Enquanto que, no ano letivo de 2021/2022, foi proposta aos alunos a análise da obra “Um Domingo à Tarde na Ilha de Grande Jatte”, de Georges Seurat, em 2022/2023, as professoras das disciplinas de História e Cultura das Artes e de Desenho A procuraram promover um ambiente de aprendizagem mais colaborativo, mas também o pensamento crítico e a expressão individual de cada aluno.



Assim, no ano letivo de 2022/2023, foi proposto aos alunos um trabalho de projeto que lhes permitia mais escolhas e autonomia no desenho das suas aprendizagens. Partindo do estudo de uma técnica de pintura (o pontilhismo), cuja abordagem em aula é obrigatória, na disciplina de História e Cultura das Artes, os alunos assumiram-se como codécisores na escolha do artista e da obra a estudar, dos produtos finais para a apresentação dos trabalhos realizados no âmbito do projeto e como cocriadores dos critérios de avaliação do projeto.

Nas aulas das disciplinas envolvidas, os alunos tiveram de dedicar algum do tempo letivo a fazer uma pesquisa teórica sobre a técnica do pontilhismo, sobre quais os autores e as obras mais significativas e, depois, escolheram o pintor e a obra que pretendiam trabalhar, respeitando um conjunto de pontos prévios (apresentados pelas professoras) que asseguraram as aprendizagens essenciais nas duas disciplinas envolvidas.

Também foi dada aos alunos a possibilidade de escolherem um produto final que lhes permitisse apresentar as conclusões do seu trabalho. De entre as diversas sugestões que puderam pesquisar e conhecer, também com a ajuda das professoras, os alunos acabaram por escolher o

PowerPoint como produto final de apresentação das suas conclusões. Esta escolha parece revelar que as competências da participação precisam de ser ainda trabalhadas, já que os alunos preferem o que conhecem e o que não implica risco.

Outra etapa essencial do projeto foi a da definição dos critérios de avaliação. Foi pedido aos alunos que, em conjunto e sob a orientação das professoras, contruissem os descritores de desempenho que permitiriam a avaliação do seu trabalho de projeto. Esta etapa foi, talvez, a mais rica de todo o processo, já que foi evidente que a implicação ativa dos alunos na colaboração para a elaboração dos critérios de avaliação dos processos e produtos permitiu, não apenas valorizar as suas sugestões individuais, mas também promover um sentido de responsabilidade compartilhada na construção das aprendizagens. Além disso, este passo contribuiu para uma avaliação mais justa e transparente, uma vez que os critérios refletem não apenas as expectativas do educador, mas também as dos próprios alunos.

Em conclusão, parecem evidentes os benefícios destas aprendizagens que interligam a gestão curricular e a participação dos alunos. Estes últimos demonstram um maior interesse no processo de aprendizagem, uma compreensão mais profunda dos conteúdos e uma maior capacidade

de relacionar o conhecimento adquirido com outras áreas do currículo e outras disciplinas. Percebem, ainda, a importância da definição de metas a alcançar e de critérios de qualidade a cumprir.

Os professores determinam os critérios de avaliação e os descritores de desempenho...

Competência	Níveis de desempenho					Avaliação em percentagem	Avaliação em pontos
	10-15	16-20	21-25	26-30	31-35		
Compreensão e interpretação de textos
Comunicação oral
Comunicação escrita

Os alunos constroem os descritores de desempenho

Critérios de avaliação e descritores de desempenho						
Elementos de avaliação	Conceito	10-15 (3 pontos)	16-20 (4 pontos)	21-25 (5 pontos)	26-30 (6 pontos)	Avaliação em percentagem
Pesquisa de informação	1.º nível	5	7	3	4	4
	2.º nível	2	1	0	1	0,5
	3.º nível	1	0	0	1	1
Criação de ortografia	1.º nível	5-7	3-5	1-3	3	3
	2.º nível	1-2	0	0	1	1
Apropriação oral	1.º nível	5	4	3	2	3
	2.º nível	1	0	0	1	1
Criação de obra de arte	1.º nível	5	4	3	2	3
	2.º nível	1	0	0	1	1
Total de pontos						13,5

Como temos feito a ligação entre as áreas de inovação?

Débora Andrade (OSPVI)

Tanto a área da Participação como a área da Interioridade se assumem como basilares na nossa prática. Nesse sentido, logo à partida, elas estão inevitavelmente ligadas.

Se, por um lado, tudo aquilo que projetamos diariamente/semanalmente para a ação pedagógica parte da escuta ativa e da observação atenta das crianças (creche e JI), também a forma como as sessões, momentos e rotinas de interioridade são desenhados, têm como ponto de partida essa mesma escuta e observação.

Para além disso, cada sessão, apesar de ter uma base idêntica, adapta-se às próprias características de cada grupo, acabando cada momento por ser único e irrepetível.

Este ano demos mais um passo na articulação entre as áreas de inovação, estendendo-a para lá das paredes do Centro. Partindo da Dinâmica da Mala da Interioridade, que surgiu o ano passado pelas mãos da equipa, resolvemos ampliar a sua utilização para as famílias, integrando-a num projeto que há mais de quinze anos desenvolvemos no nosso Centro Educativo.



Na reflexão que fizemos para responder a esta questão, apontamos como um desejável passo a dar no futuro, a inclusão das crianças, sobretudo das mais velhas, na preparação de alguns dos momentos das sessões de Interioridade.



Participação das crianças, um caminho exigente: o que é que já aprendemos?

Mafalda Frazão (EP)

O percurso da Participação das Crianças no Externato do Parque começou, como em todas as áreas do projeto Bússola 21, com passos pequenos mas seguros.

Algumas turmas começaram a introduzir as Assembleias de Turma, semanalmente, dando um feedback muito positivo sobre esta prática e em como a participação das crianças ia gradualmente mudando e ficando cada vez mais pertinente e assertiva com a experiência, experiência essa muito importante, tanto para os alunos como para os professores.

Com o correr do tempo, em 2020, já todas as turmas realizavam Assembleias de Turma semanalmente. Incluímos nesta contagem as duas turmas de três anos, com a construção da agenda semanal, a proposta de trabalhos e de temas de interesse das crianças, a avaliação de tarefas... Os alicerces para o percurso no Externato do Parque; as três turmas dos 4 e 5 anos, que apesar de utilizarem um modelo ligeiramente diferente do utilizado no primeiro ciclo, são a fundação para aquilo que construímos a partir daí e, por fim, as doze turmas do primeiro ciclo.

Traduzido em números, nos últimos três anos, foram realizadas aproximadamente 2040 assembleias de turma, onde são debatidas e avaliadas as vivências do dia a dia das crianças, onde os alunos são convidados a participar, a discutir, a propor, a discordar, a encontrar caminhos. A viver e a pôr em prática a sua cidadania.

Como resultado das Assembleias de Turma, frequentemente se alteram planificações semanais, estratégias de aprendizagem e, conseqüentemente, de avaliação das mesmas. Os alunos têm vindo a demonstrar uma crescente capacidade de pensar a sua forma de estar na escola e de procurar encontrar pontes entre os seus interesses e as aprendizagens preconizadas para cada ano.

Foram também realizadas 12 Assembleias de Escola, que contam com a presença dos elementos da direção e dos representantes de cada turma. Nestas Assembleias os representantes de cada turma apresentam à direção os pontos essenciais que as suas turmas consideram pertinentes serem tratados, ou sugestões de melhoria da escola.

Como resultado das ideias apresentadas nas Assembleias

de Escola, temos alguns exemplos de alterações ou melhorias realizadas, como: a intervenção na Biblioteca Escolar e a dinamização da mesma; concursos internos; uma semana temática no âmbito da tecnologia, dinamizada pelos alunos do quarto ano em pareceria com os professores; um piquenique de final de ano, que mobilizou toda a comunidade escolar para o Linhó; a criação de um espaço sensorial na horta da escola, entre outros.

Neste percurso, que conta, como todos os percursos, com altos e baixos, aprendemos que, apesar de o caminho ser longo, e por vezes um pouco tortuoso, os nossos alunos, desde muito pequenos, se tiverem um espaço onde podem expor as suas ideias, onde aprendem a ver as suas ideias debatidas, por vezes ligeiramente alteradas ou ajustadas, aprendem a pensar-se individualmente, mas também como parte de um todo (grupo/turma ou escola), aprendem a ceder e negociar quando surge essa necessidade, a procurar um compromisso, um terreno mais abrangente que possa incluir diversas variáveis e aprendem a comprometer-se mais ativamente no seu percurso. As próprias crianças começam a analisar diferentes ângulos de uma questão, dando sugestões válidas e justificando a razão de ser de algumas das propostas que fazem. Aprendemos também que, um próximo passo, de extrema importância, pois permitirá um envolvimento cada vez maior das crianças nas suas vivências escolares, é a união efetiva da Gestão do Currículo com a Participação das Crianças. Por vezes caímos ainda no erro de considerar que as crianças do pré-escolar e do primeiro ciclo dificilmente conseguirão 'gerir currículo'. No entanto, através da voz das crianças, se a soubermos ouvir e encaixar, acreditamos que podem.

Podem, se souberem o que os espera, ou o que é esperado deles, nas diversas áreas curriculares.

Podem, se lhes for dada a possibilidade de serem responsáveis, de forma partilhada, pela sua aprendizagem.

Podem, se sentirem como sua a responsabilidade de se prepararem e proporem para avaliação.

Podem, se os adultos deixarem.

Participação das crianças, um caminho exigente: o que já aprendemos?

Daniela Martinho (OSPVI)

A participação sempre foi um princípio educativo no nosso Centro Educativo. As crianças sempre foram agentes ativos no seu processo de aprendizagem, a abordagem de projetos a partir dos interesses das crianças desde há muitos anos que faz parte da nossa abordagem pedagógica, encontrando-se inscrita no projeto educativo, havendo sempre a preocupação em escutar as crianças e envolvê-las naquilo a que a elas pertencia.

Com o Bússola 21 houve uma tomada de consciência coletiva. Primeiro daquilo que já era feito e depois daquilo que podíamos melhorar como equipa no sentido de alcançar uma melhor e mais sintónica coerência pedagógica.

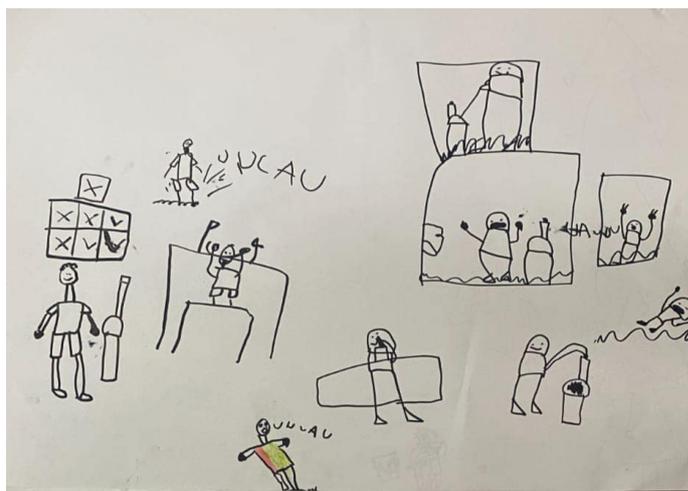
Nesse sentido, foram feitas alterações de fundo, tendo sempre como base aquilo que já era feito e isso, naturalmente, conduziu a novas aprendizagens.

Uma das coisas que aprendemos foi a projetar a ação pedagógica de outra forma, articulando-a com a observação documentada das crianças. Isso permitiu-nos ir ao encontro daquilo que são os verdadeiros interesses das crianças. De referir que isso acontece em ambas as valências - creche e jardim de infância. Surgem assim atividades que nascem da observação das crianças, assim como múltiplos contextos investigativos pensados a partir daquilo que as crianças fazem emergir da sua ação. Também se passou de forma mais intencional, consistente (e consciente!), a articular os interesses e os projetos dos grupos com as diferentes linguagens artísticas orientadas pelos nossos professores especialistas.

A nova forma de projetar conduziu-nos igualmente a uma maior reflexão da nossa parte, a uma busca teórica para fundamentar a nossa prática e, naturalmente, a uma ação ainda mais significativa, assim como a portefólios mais ricos e espelho da participação das crianças no Centro.

Aprendemos também a garantir a participação ativa das crianças na vida do Centro. Foi nesse âmbito que surgiram as Assembleias de Centro, que ao longo do tempo têm sido alvo de muita reflexão e ajuste. Aprendemos também a dar espaço e a não antecipar as decisões das crianças, a sair de baixo *do holofote e das luzes da ribalta* para deixar que as crianças tomassem a dianteira na remodelação e reestruturação dos espaços que são seus.

Para além disso, se no início do projeto havia uma “frenética” vontade de fazer coisas, neste momento, de forma mais madura, aprendemos a não querer tudo ao mesmo tempo e a viver a mudança de forma mais calma. Tudo acontece, mas o ritmo é outro, pois só assim é possível interiorizar verdadeiramente.



No fundo, aprendemos a posicionarmo-nos de outra forma em relação à educação, às crianças, à forma como elas aprendem e se relacionam com o mundo.

Aprendemos também que tudo é frágil e tem de ser cuidado, lembrado e refletido em equipa, pois só assim é possível mudar. Há aspetos que ainda não estão onde devem estar, o *querer muito* e *ser mesmo* ainda se debatem, mas estamos a caminho.

Aprendemos também que nós, adultos, andamos a ritmos diferentes. Uns mais rápidos, outros mais devagar e que isso atrapalha. Puxa os mais velozes para trás, faz com que os mais lentos se sintam desconfortáveis. Conseguir integrar todos é também uma aprendizagem. Talvez a mais difícil.



Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Sofia Fragoso (EP)

Depois de uma reunião de equipa, consideramos que existem 5 pilares essenciais que nos guiam e ajudam a orientar o caminho que queremos e desejamos que os nossos alunos percorram, e são eles: a autonomia, o espírito crítico, a interligação dos saberes, a durabilidade das aprendizagens e, por fim, mas não menos importante, a capacidade de avaliação. São estes os pontos que nos servem de barómetro para que consigamos observar os resultados das aprendizagens e do desenvolvimentos dos nossos alunos.

Autonomia - nas nossas salas é cada vez mais visível a quantidade de ferramentas e estratégias que damos aos alunos, para que sejam cada vez mais autónomos no seu processo de aprendizagem, como por exemplo, as tarefas da sala, o tempo de estudo autónomo e a organização que isso implica, e também o trabalho em sala e a forma como querem aprender (com atividades lúdico-pedagógicas).

Espírito crítico - os alunos pensam de uma forma mais crítica, tendo que expressar a sua opinião várias vezes ao longo da semana (nas apresentações do ler contar e mostrar, na avaliação do seu trabalho de casa e no tempo de estudo autónomo). São expostos a momentos em que expressam a sua opinião de uma forma mais construtiva e assertiva sobre o trabalho dos colegas e também sobre a vida da turma e da escola (nas assembleias de turma e nas assembleias de escola).

Interligação dos saberes - através dos Domínios de Autonomia Curricular (DAC) e de pequenos projetos que vamos fazendo e abraçando durante o ano, as aprendizagens e conteúdos trabalhados nas diversas áreas, vão-se

interligando. No colégio temos as semanas temáticas que, apesar de modificar por completo a rotina de trabalho das turmas, são semanas onde as crianças aprendem e vivenciam coisas extraordinárias que, de outra maneira, não seria possível. Isto repercute-se também fora da sala e da escola, pois é algo que levam para a vida lá fora, para as suas relações e para as suas atividades extra-curriculares.

Durabilidade das aprendizagens - conseguimos verificar que as aprendizagens são efetivamente adquiridas e “ficam lá”. Os nossos alunos não estudam só para os testes, estão em constante monitorização do saber e vê-se que sabem mobilizar os conteúdos e aprendizagens adquiridas nas áreas disciplinares, em vários contextos e situações.

Capacidades de avaliação - os alunos refletem sobre o processo “como aprendo melhor”. São deparados com alguns momentos de autoavaliação e heteroavaliação, como por exemplo no Plano Individual de Trabalho (PIT) do tempo de estudo autónomo e alguns dos PIT dos trabalhos de casa. Esta heteroavaliação é também fundamental para que, nos momentos de trabalho autónomo, os alunos possam escolher os seus pares, com quem devem e podem trabalhar, tendo em conta as suas fragilidades.

Efetivamente não temos um instrumento onde possamos medir o desenvolvimento das crianças, com estas novas abordagens e formas de trabalhar. Contudo, acreditamos que é aquilo que está correto, pois ao longo do tempo as crianças vão demonstrando, de várias maneiras, que os conhecimentos e os conteúdos estão adquiridos e, para além das imensas aprendizagens essenciais que estão descritas no documentos, apropriaram-se de muitas outras aprendizagens essenciais para a vida.

Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Marisa Marcelo (CS)

Ao longo deste processo de inovação pedagógica, os nossos alunos foram capazes de demonstrar um maior envolvimento e colaboração no sentido de aprimorarem as suas conquistas, transformando-as em aprendizagens cada vez mais significativas.

A aprendizagem ativa (atividade dos alunos) e participação dos alunos na resolução de problemas do dia a dia são a resposta imediata e concreta a esta questão, visível nas micro e macro ações empreendidas por todos os intervenientes.

Por outro lado, a metodologia de projeto é o motor desta evolução observada e sentida no processo de aprendizagem dos alunos do nosso centro educativo. Ao utilizar essa abordagem com maior frequência, foi possível constatar diversos resultados nas aprendizagens dos alunos. Há um maior envolvimento dos mesmos nas atividades de aprendizagem, uma vez que ao trabalhar em projetos que têm significado para eles verifica-se um aumento na motivação para aprender. Os alunos mostram-se mais autónomos, pois assumem a responsabilidade do que pretendem aprender; traçam metas, definem e escolhem objetivos; planificam o trabalho a desenvolver; monitorizam e avaliam o percurso e potenciam a sua autorregulação, evidenciando capacidade de colaboração na promoção da relação interpessoal e no desenvolvimento do trabalho de equipa, tornando-os mais empáticos, reconhecendo no outro, as suas capacidades e potencialidades.

Constata-se uma maior capacidade de análise e reflexão, uma vez que os alunos aprendem, sendo levados a pensar no que estão a fazer, nomeadamente, a pesquisar informação, a selecioná-la, a analisá-la de forma reflexiva e crítica e a tomar decisões que terão impacto nos resultados. Estas aprendizagens tornam-se marcantes e significativas. O aluno, que agora se implica em todo o processo, toma as aquisições das aprendizagens que realiza, como suas, utilizando-as no quotidiano.

Os projetos estiveram, muitas vezes, relacionados com a realidade em que se inserem, permitindo a aplicação prática do que estão a aprender em sala de aula. Desta forma, ao enfrentarem desafios concretos e mais complexos, desenvolvem habilidades de resolução de problemas, através de colaboração ativa, pesquisa e experimentação.

Ao longo deste ano letivo, constatamos que os nossos alunos têm, agora, uma maior perceção e entusiasmo em aprender de forma desafiante, o que leva a uma maior persistência, compromisso e vontade de aprender. Há uma maior consciência da potencialização da promoção de atitudes positivas em relação à aprendizagem. E, desta forma, passam a exercer uma cidadania mais ativa e responsável, tendo em linha de conta a valorização de conceitos e de valores, o desenvolvimento sustentável e a educação inclusiva.

Por último, também foi possível verificar mudanças no processo de avaliação, uma vez que a avaliação em metodologia de projeto é fundamental para medir o desempenho dos alunos e o sucesso do projeto como um todo. A avaliação formativa ocorreu durante o desenvolvimento do projeto, tendo como objetivo fornecer feedback contínuo aos alunos para melhorar o seu desempenho, o que permitiu aos alunos refletirem sobre o seu progresso, fazendo os ajustes necessários. A existência de critérios de avaliação claros e mensuráveis desde o início do projeto facilitou o alinhamento do mesmo com os objetivos de aprendizagem. Esses critérios foram comunicados aos alunos desde o início para que soubessem como iriam ser avaliados.

Em suma, a implementação da metodologia de projeto revelou-se altamente benéfica para os alunos, evidenciando uma transformação notável no seu envolvimento, colaboração e desenvolvimento de habilidades ao longo do processo de inovação pedagógica. A aprendizagem ativa, destacada pela resolução de problemas do quotidiano, emergiu como resposta concreta ao desafio educacional. A metodologia de projeto serviu como motor para essa evolução, resultando em maior envolvimento, autonomia e capacidade de análise por parte dos alunos. A aplicação prática das aprendizagens em projetos relevantes ampliou significativamente a motivação para aprender. Além disso, a mudança na perceção dos alunos em relação à aprendizagem desafiante, a promoção de atitudes positivas e a consciencialização de uma cidadania ativa promovem impactos profundos e duradouros. Observou-se também uma mudança no paradigma da avaliação, onde a avaliação formativa foi fundamental para orientar o progresso dos alunos, proporcionando feedback contínuo e permitindo ajustes. A clareza dos critérios de avaliação desde o início do projeto contribuiu para alinhar as atividades com os objetivos educacionais, proporcionando uma avaliação mais eficaz e significativa. Esta partilha destaca não apenas os resultados tangíveis, mas também as transformações intangíveis que evidenciam a eficácia da metodologia de projeto na promoção de uma aprendizagem significativa e duradoura.

Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Paula Branco (CIC)

A presente reflexão foca-se na tentativa de articular as oficinas de Gestão Curricular e da Participação da Criança, nos anos letivos de 2018/2019 a 2022/2023, no contexto do ensino das disciplinas de Português e Artes de Palco. Para isso, considerámos o percurso pedagógico de duas turmas, A e B, para as quais foram planeadas e definidas, em conjunto, diversas dinâmicas de ensino-aprendizagem. Assim, utilizando a metáfora visual da árvore como um processo de co-construção e de projeção construtiva de ensino, pretendemos explicar, sucintamente, as diferentes etapas que orientaram esta jornada educativa de cinco anos.

No ano de 2018/2019, plantámos a semente do primeiro desafio, centrado no estudo do texto poético, e realizámos pequenas dramatizações inspiradas em várias composições poéticas e musicais, com o intuito de celebrar o “Dia Mundial da Poesia”, contando com a participação do cantor e compositor André Sardet.

O ano letivo de 2019/2020 foi marcado pelo primeiro confinamento devido à Covid-19, o que nos obrigou a reinventar-nos como pedagogos, procurando preservar a semente lançada no ano anterior. Desta forma, aproveitando o terreno propício para desenvolver novos projetos, tentámos contornar as adversidades e, mesmo à distância, recriámos contos infantis escritos, exclusivamente, pelos alunos, os quais foram apresentados através de leituras criativas e de dramatizações.

Enquanto ainda enfrentávamos as restrições impostas pela Covid-19, no ano letivo de 2020/2021, alimentámos as raízes da nossa “árvore” e adaptámos a dramatização de reportagens concebidas pelos alunos nas aulas de Português e integradas no projeto “Vulcões no Mundo... Vamos à descoberta?”, com o intuito de fortalecer os pilares da nossa abordagem pedagógica. Durante as aulas de Artes de Palco, explorámos técnicas de expressão corporal e vocal, possibilitando aos alunos o desenvolvimento de competências de comunicação verbal e não verbal, fundamentais para a sua expressão artística.

No ano letivo de 2021/2022, foram estabelecidas as bases para fazer germinar a nossa “árvore” e sustentar projetos futuros. Como forma de consolidação, os alunos das duas turmas, inspirados no conto “A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho”, de Mário de Carvalho, criaram reportagens inovadoras, durante as aulas de Português, as quais foram, posteriormente, dramatizadas nas aulas de Artes de Palco.

Os impactos pedagógicos das diferentes dinâmicas desenvolvidas nos últimos quatro anos fizeram-se sentir no ano letivo de 2022/2023. No primeiro período, a abordagem aos contos de Eça de Queirós e de Vergílio Ferreira foi realizada através da dinâmica de assembleias de turma. Os alunos leram dois contos de cada autor, selecionados pelas professoras de Português, e a decisão sobre qual o conto que seria alvo de análise nas aulas foi totalmente deixada ao cargo daqueles, após debates em assembleia.

O ponto alto deste percurso educativo foi o desafio lançado às duas turmas para desenvolverem um projeto interdisci-

plinar mais ambicioso, intitulado “Por mares nunca dantes navegados...”. Este projeto afirmou-se como uma abordagem distinta ao ensino d’*Os Lusíadas*, de Luís de Camões, celebrando a Pátria e o Povo Português. Foi realizada uma reflexão sobre conceitos como “patriotismo”, “autossuperação”, “sonho” e “coletivismo”, numa perspetiva temporal do passado, do presente e do futuro. Pretendeu-se, portanto, que os alunos compreendessem a verdadeira dimensão da mitificação do herói atribuída por Camões e que atravessa toda a nossa cultura histórico-literária, lembrada e destacada no ensino secundário. Em suma, o principal objetivo foi educar para a importância d’*Os Lusíadas* como contributo fundamental para a nossa identidade cultural, cuja Língua Portuguesa é o passaporte para que nos consigamos distinguir das demais nações, pela “Saudade” e pelo “Fado”, que ainda hoje fazem eco nas diferentes manifestações da arte portuguesa, e pela heroicidade de figuras atuais que levam Portugal ao mundo.

Nestes projetos, particularmente neste último, os alunos foram, efetivamente, **protagonistas das suas próprias vidas e agentes de transformação da realidade**. Ao construírem grande parte do texto dramático e ao selecionarem diferentes dinâmicas, desde músicas à recriação de novas realidades pela dança, desenvolveram competências, por um lado, de autonomia, confiança, consciência e competência, por outro, de responsabilidade, cooperação, espírito crítico e criatividade.

No último ano letivo, 2022/2023, encerrámos este ciclo de cinco anos, consolidando o tronco da nossa “árvore educativa”. Integrámos as aprendizagens das disciplinas de Português e de Artes de Palco, promovendo um espetáculo interdisciplinar, onde os alunos tiveram a oportunidade de criar e de apresentar performances que combinaram elementos literários e artísticos, resultando numa síntese das competências adquiridas ao longo deste percurso.

Assim sendo, nestes cinco anos, esta articulação das oficinas de Gestão Curricular e da Participação da Criança foi um desafio constante e uma fonte de crescimento para todos os envolvidos. Através da colaboração e da adaptação criativa, conseguimos manter viva a chama da aprendizagem, mesmo face a obstáculos significativos. Este percurso reforçou a nossa convicção relativamente à importância de uma abordagem pedagógica inclusiva, participativa e adaptável, que valorize o potencial criativo e expressivo das crianças, permitindo-lhes florescer num ambiente educativo enriquecedor.

É relevante destacar, numa última reflexão, a importância do trabalho em equipa demonstrado pelas duas diretoras de turma - também professoras de Português - que foram responsáveis por estes alunos, desde o 5º ano de escolaridade. Elas corroboraram a ideia de que o sucesso e a inovação só são concretizados através da partilha de ideias e de saberes, da solidariedade, da cooperação, do respeito mútuo e da nobreza da humildade, quando se ensina e se aprende!

Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Ana Catarina Poeiras (CSD)

Ana Lemos (CSD)

Susana Nunes (CSD)

Este guião teve como ponto de partida a ideia de uma geração do Futuro movida e inspirada pelo que se está a construir agora. Debruçando-nos sobre os testemunhos e documentos de imagem e de texto de colegas nossos (nas diversas áreas disciplinares), construímos este olhar vindo do futuro para o nosso presente. Com este formato criativo pretendemos participar na reflexão sobre o que de bom estamos já a fazer e algum do muito que ainda podemos melhorar, incentivar e alicerçar.

GUIÃO

(Apresentação equipa: Ana Lemos - «Saber», Catucha/ Catarina Poeiras - «Ser», Susana Vasconcelos Nunes - «Agir»)

(PROJECCÃO. Vídeo, 20 segs - genérico da série «10 segundos para o Futuro»).

(PROJECCÃO: «Ministério do Futuro / Conselho de Ministros / 14 de julho de 2043»).

Entram as três oradoras, interpretando as personagens de três Ministras.

Voz Off (Maria Condado): Estão presentes as Ministras do Agir, Ministra do Saber e Ministra do Ser.

(cada uma acena com a cabeça cumprimentando).

Ministra do Agir (Susana): Bom dia a todos, hoje temos muito a trabalhar. Nos últimos vinte anos a humanidade passou por diversas mudanças, umas positivas e outras que continuam a preocupar-nos. Destacamos o problema da sobrepopulação, as alterações climáticas, a produção e distribuição alimentar, a população envelhecida, o poder destrutivo e a falta de ética que a Inteligência Artificial ganhou (a par com os seus enormes benefícios), e as questões de discriminação que continuam a aumentar apesar das evoluções nos direitos do Homem.

Ministra do Ser (Catucha): Calma, Sra Ministra do Saber, vai com grande speed, isso faz-lhe mal; vamos lá respirar um pouco para serenar - inspire... expire... atenção que a expiração tem de ser mais prolongada, se queremos baixar a ansiedade; o nervo vago é muito inteligente! Muito bem... continue, por favor.

Ministra do Agir (Susana): Obrigada, sra Ministra do Ser.

Iremos fazer o balanço dos últimos vinte anos, pois neste momento verificamos que existem alterações significativas na nossa sociedade. Tem a palavra a Ministra do Saber.

Ministra do Saber (Ana): Bom, como Ministra do Saber considero fundamental identificar as situações atuais a que nos estamos a referir e que estratégias foram utilizadas, no passado, para chegarmos até aqui!

(PROJECCÃO: passam imagens de exemplo de um presente 2043, com resultados de mudança).

Ministra do Agir (Susana): Será necessário procurar respostas no passado... Doutora Ana, faça, por favor, uma pesquisa nos ficheiros de há vinte anos, para percebermos as estratégias aplicadas nessa época.

(Ana ocupada, a ler dados fictícios no braço).

Entretanto, respondendo às questões colocadas, identificamos, atualmente, grandes melhorias na área da informação. Na integração cultural abrangente. Na melhoria nas infraestruturas urbanas e nos espaços de lazer. Na área da saúde...

Ministra do Saber (Ana): *(interrompe)* Os nossos 90 são agora os novos 50!

Ministra do Agir (Susana): Os mais velhos ganharam autonomia, sentido para a vida, ocupações gratificantes e muito apoio médico e técnico.

Ministra do Ser (Catucha): *(interrompe)* E desse modo ganharam novo protagonismo na sociedade, surgindo as: comissões da Alegria, da Valorização Pessoal, da Sabedoria, da Paciência, dos Guardiães da Cultura.

Criámos o «Ministério do Ser e a Secretaria de Estado do Bem-Estar»: as pessoas perceberam que o cuidar de si e dos outros era essencial...

Ministra do Agir (Susana): Regista-se também uma evolução notável na área do Ensino, onde cada aluno desenvolve a autonomia, o crescimento individual, a criatividade, a curiosidade perante o mundo. E a cereja no topo do bolo - o olhar atento e compassivo sobre quem o rodeia. Claro que nem tudo é perfeito e ainda há muito por fazer.

Ministra do Saber (Ana): Encontrei! Aqui estão os fichei-

ros de há vinte anos.... São memórias do projeto de inovação pedagógica «Bússola 21», desenvolvido na Congregação das irmãs Doroteias... neste caso, estes são os registos do Colégio de Santa Doroteia em 2023.

(PROJECCÃO: *Imagens das Oficinas com as Crianças, Rádio, Interioridade, Canguru Matemático, etc.)*

Ministra do Saber (Ana): (Cooperante, 1 imagem) Nestas imagens, a articulação e unidade de grupo é fundamental no desenvolvimento de actividades e nas tomadas de decisão.

Ministras do Ser (Catucha): (Compassivo, 2 imagens) Aqui, podemos observar o exercício da escuta ativa e o cuidado com o outro... a quebrar a indiferença.

Ministra do Agir (Susana): (Consciente, 1 imagem) As experiências de paragem e de reflexão, assim como cuidar do que nos rodeia, foram passos fundamentais para este caminho.

Ministras do Saber (Ana): (Autónomo, 2 imagens) saber dar passos com segurança e responsabilidade, promovendo o bem comum.
Ser proactivo na construção de novas realidades, superando-se nos resultados e adaptando-se ao inesperado.

Ministra do Ser (Catucha): (Autêntico, 1 imagem) Ter coragem e persistência de sermos fiéis a nós próprios e às nossas convicções, com disponibilidade para novas aprendizagens.

Ministra do Agir (Susana): (Competente, 1 imagem) Desenvolver ferramentas para compreender o mundo e utilizá-las em benefício do todo.

Ministras do Saber (Ana): (Criativo, 2 imagens) Expressar livremente os seus pensamentos e emoções, contribuindo para o crescimento interior e também para a reflexão e transformação do mundo.

Conservar a alegria da infância e juventude, levando-a pela vida fora.

(Imagem das PORTAS da capela FECHADAS e com os desenhos de Anjos, a pastel preto e branco).

Ministras do Agir (Susana): Estas imagens mostram-nos um processo de construção e de estruturação do aluno, onde diversos valores e competências são incentivados. A partir daí obtém-se um resultado, algo construído e contextualizado.

(Conclusão com a imagem das PORTAS da capela A ABRIR e com os desenhos de Anjos, a pastel preto e branco).

Ministras do Agir (Susana): Abrem-se então as diversas possibilidades para o **Futuro**.

(PROJECCÃO: *palavras /competências do perfil do aluno).*

Susana (Ministra do Agir): Nas imagens anteriormente visionadas fomos verificando que em 2023 foram trabalhadas diversas competências do perfil do aluno, que destacamos agora neste quadro.

Catucha (Ministra do Ser): Acreditamos que a continuidade da aplicação deste trabalho com estas (e outras) competências do perfil, abrirão a possibilidade de caminho para um futuro semelhante àquele que acabámos de simular. Sabemos que será sempre necessário trabalhar para ultrapassar as dificuldades encontradas, pois elas são muitas, e muitas vezes quando se resolve um problema surge logo outro. Mas somos a HUMANIDADE. A NÓSSA ESSÊNCIA PERMANECE. SOMOS IMAGEM DE DEUS E DEUS CUIDA E SABOREIA A SUA CRIAÇÃO E AS SUAS CRIATURAS!

(PROJECCÃO: *imagem do símbolo BÚSSOLA 21).*

Ana: Obrigada a todos.

Susana: Continuação de Bom trabalho.

Catucha: Obrigada e Boa tarde a todos.

Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Raquel Lourenço (FIC)

O Bussola 21 foi um desafio exigente que nos proporcionou uma contextualização do nosso trabalho pedagógico, na medida que nos levou a uma mesma linha, que unificou as nossas intenções pedagógicas.

E descalças, doridas sobre a neve branca e fria, demos passos de que hoje nos orgulhamos. Passos esses que são os resultados visíveis no desenvolvimento e atitudes das nossas crianças.

Desbravamos caminhos, ...desnorreamos várias vezes, mas sabemos o que queremos encontrar no final do caminho.

As atitudes e os gestos de e em cada dia tornaram-se mais conscientes porque abraçamos esta proposta educativa assente num modo de educar aos olhos de Santa Paula, numa pedagogia evangelizadora que nos ajuda a formar um tipo de pessoa inteira e comunitária, sendo protagonistas da própria vida e agentes de transformação da realidade.

A nossa prática sofreu algumas alterações, nomeadamente na escuta cada vez mais ativa da vontade, desejos e interesses das crianças, suas reflexões, para lançamento de novas maneiras de estar na sala e na instituição, colocando a criança no centro do processo de aprendizagem. Este é o maior resultado visível. Para aqui chegarmos, simplesmente caminhamos.

Temos noção que já explorávamos estratégias que fomentavam a participação das crianças, mas foi na orientação e reorientação do Bussola 21 que encontramos o Norte da nossa consciência e intenção pedagógica. Norte esse que por vezes desalinha, mas com coragem e determinação se orienta.

Construímos pilares no caminho com base em valores e/ou atitudes que foram desenvolvidos através de instrumentos de pilotagem. Sabemos bem que em cada instrumento muitos são desenvolvidos, porém vamos privilegiar um em cada instrumento.

ESCUITA

Os encontros no grupo para exposição de ideias e propostas passou a ter uma denominação diferente, aos quais chamamos hoje Assembleias de Sala. Esses encontros têm uma intencionalidade pedagógica que preconiza um papel mais ativo à criança, tendo o educador “aprendido” a ser mediador das ideias da criança. A oportunidade de escutar a voz das crianças, com cada vez mais periodicidade, proporcionou a partilha, a capacidade de

fazer escolhas, a capacidade de escutar os outros e aceitar as suas propostas. As assembleias de sala implicaram uma corresponsabilização de toda a comunidade, sendo isso visível nas assembleias de centro, em que o objetivo principal era o do Bem Estar Comum.

ESTILO DE VIDA SIMPLES

Das assembleias de sala e centro surgiram projetos e situações que deram vida aos nossos recreios. Delas partiram ideias que após divisão de tarefas levaram ao desenvolvimento desses projetos. Assim, a cada grupo foram dadas tarefas que permitiram a construção de uma área nos recreios. As ideias foram tão ambiciosas que foi necessário o envolvimento das famílias. Para concretizar este “dar vida” aos recreios abrimos a nossa casa no Dia Internacional da Família, dando-lhe o nome de Dia da Hospitalidade. Os recreios tiveram vida, mas a verdadeira alegria viu-se nos olhos e gestos das crianças e famílias. Assim, nasceu e vive: uma horta saudável, um lugar para ovelhas, jogos de chão, cozinha de lama cuidada pelos pais, jardim sensorial, um jardim arrumadinho aos olhos. As nossas crianças manifestaram cuidado pela “casa comum” pois aprenderam a cuidar, proteger e respeitar este espaço comum tornando-o cada vez mais ecológico e sustentável.

AUTÓNOMO

“Traçar” planos tornou-se uma rotina! Sejam eles diários ou semanais. A exposição das suas ideias, opiniões, interesses deram vida à planificação e concretização de forma organizada, sistematizada e esquematizada. Esta vivência permitiu: o envolvimento das crianças na dinâmica de grupo; o respeito pelas ideias do outro; saber esperar a sua vez; fazer escolhas; comunicar com eficácia ideias, conhecimentos e aprendizagens; desenvolver vários tipos de linguagem. Toda esta dinâmica diária leva a um compromisso não só de organização e realização, assim como pressupõe uma reflexão ativa, sendo a avaliação uma etapa já consolidada. Esta avaliação/reflexão gera autonomia pois as crianças tornam-se cada vez mais competentes na análise crítica da realidade, tomando decisões e explicando os seus argumentos.

CRIATIVO

O Bussola 21 trouxe um novo olhar sobre os projetos de sala e de centro, tendo como linha orientadora a Pedagogia de Projeto. O grande resultado positivo foi a for-

ma como passamos a registrar com as crianças as suas intenções. Desde o abraçar o tema do projeto, ao definir etapas, ao distribuir tarefas, ao responsabilizar, ao avaliar, reavaliar e relançar novas soluções. O envolvimento em projetos proporciona a construção e aplicação de novas ideias, soluções inovadoras, expressão de emoções e pensamentos, gerando experiências e aprendizagens capazes de se tornarem agentes de transformação de uma realidade de cada vez mais equilibrada.

ENTUSIASTA

A dinâmica dos portefólios leva a criança a acreditar nas suas capacidades, a conhecer-se melhor. O resultado desta caminhada cria um desenvolvimento da capacidade de confiança, resiliência, determinação, tomada de consciência dos pontos fortes e frágeis, o fazer escolhas e tomar decisões, assim como analisar de forma construtiva a sua caminhada. Torna-se responsável do próprio processo de desenvolvimento/aprendizagem.

CONSCIENTE

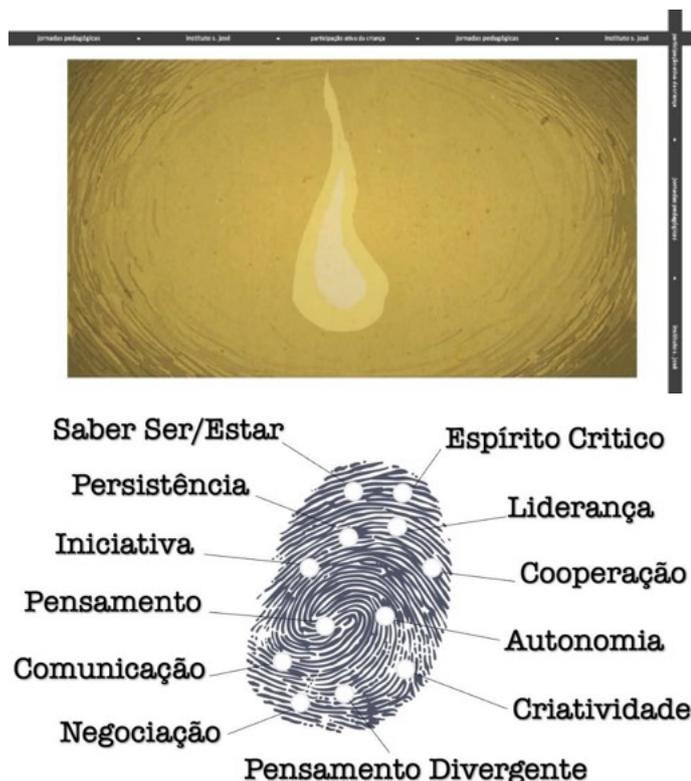
A educação para a interioridade foi sem dúvida um pilar que sustentou a descoberta de si como pessoa, dos seus dons, percebendo que cada um tem características únicas, e à descoberta do outro, aprofundando a dimensão e competências relacionais, revelando respeito e empatia pelos outros. Realizamos sessões com crianças, famílias e colaboradoras e o resultado visível foi explorar ferramentas que permitem a construção do eu de forma autêntica, escutar e tomar consciência do mundo interior, valorizando o encontro pessoal e atitudes de gratidão pelas coisas simples e belas da vida.

No caminho não há obstáculos, mas sim desafios que valem a pena percorrer quando sabemos que a meta é o Bem Estar Integral das nossas crianças, numa sociedade que precisa de pessoas orientadas, organizadas, resilientes. Sem dúvida que o Bussola 21 é O NORTE a seguir.

Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Ana Patrícia Rodrigues (ISJ)

Dores Maciel (ISJ)



Partindo da pergunta **Que resultados já são visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento das nossas crianças?** vamos partilhar a nossa experiência realizada até ao presente momento no nosso dia a dia com grupos, tanto de creche como de jardim de infância.

Em equipa, iniciamos a nossa reflexão questionando:

- Mas afinal o que é este conceito de Participação Ativa da Criança?
- Será que é só dizer que devemos escutar a criança?
- Como podemos enriquecer contextos de aprendizagem com base na escuta e na observação?
- De que forma potenciamos as competências intrínsecas da criança?

No nosso percurso de mudança, enriquecemos a nossa intervenção com estratégias e instrumentos que permitem a monitorização e acompanhamento da escuta ativa da criança, com as respetivas evidências documentadas. Assim, introduzimos os instrumentos de organização social do grupo – plano do dia, diário de grupo, mapa de atividades individual, comunicações, assembleia de grupo e assembleia de centro. Neste caminho, observamos crianças com maior participação na partilha e registo dos seus interesses, aumentan-

do, deste modo, as sugestões de atividades e uma menor intervenção por parte do adulto. É evidente que tudo é um processo, no qual estamos conscientes do nosso papel de forma a fomentar a autonomia e iniciativa das crianças.

Há autonomia na gestão de tarefas e atividades, observando-se uma postura persistente em aperfeiçoar quer a sua intervenção, quer os seus registos gráficos. Por outro lado, demonstram maior capacidade de aceitação na gestão de estratégias e propostas sugeridas por elas e a implementar na rotina do grupo. Quando são oferecidas oportunidades de escolha, a criança sente-se mais envolvida e confiante, tendo também impacto na forma como se relaciona com os seus pares e com o adulto.

As competências mais evidentes são as presentes no Perfil dos(as) Alunos(as) dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias, que as torna mais críticas e conscientes das suas responsabilidades e tarefas no dia a dia. Comunicam de forma clara, objetiva e intencional, além de revelarem um bom desenvolvimento da capacidade de reflexão e interpretação da realidade à sua volta.

É essencial promover a experiência consciente e saudável da própria realidade e o encontro com a riqueza do nosso mundo interior, compreendendo, dando-lhe sentido e integrando-o no crescimento pessoal e social. A escola que queremos passa pela individualidade de cada um, conhecermo-nos uns aos outros, compreender e aceitar o outro na sua diferença, uma vez que todos contribuem para o enriquecimento do processo de aprendizagem.

A título de exemplo, nas assembleias as crianças demonstram um crescente à vontade em expor as suas opiniões quer sejam contra ou a favor de algo, explicitando as suas razões. Estimulam, igualmente, o espírito crítico como elemento facilitador de participação da criança, possibilitando a vivência de valores democráticos na discussão e negociação entre pares.

Em suma, as crianças sabem tomar decisões, são capazes de resolver problemas, de definir objetivos e agir de forma autónoma na sua vida.

“A maior responsabilidade que temos é aprender sempre mais e ajudar os amigos.”

LOURENÇO - grupo 5 anos, 2023



Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Maria Inês Salgueiro (OSPVI)

No âmbito da Participação, constatamos que as crianças estão mais cada vez mais interventivas. Observamos isso nas Assembleias de Centro, por exemplo, tendo os ajustes que introduzimos através da avaliação contribuído para isso. É o caso da nomeação de secretários fixos (representantes das crianças das salas dos mais velhos que estiveram presentes em todas as assembleias), a configuração do espaço, a redução do número de adultos, o dar a palavra e o registo dos temas e decisões ser feito pelas próprias crianças. Houve também uma evolução no próprio conceito de Assembleia, e se no início havia muito a tendência de pedir coisas, atualmente as crianças já observam esse momento como um espaço onde se discutem assuntos importantes sobre a vida do Centro (ex. problemas existentes na utilização das casas de banho), assumindo-se as mesmas como protagonistas ativos para os resolver e contribuindo com ideias e ações.

Nesse sentido, as crianças mostram uma maior competência para tomar decisões e maior sentido crítico para ajuizar aquilo que as rodeia. São igualmente crianças mais autónomas.

Por outro lado, o termos investido na Documentação da ação pedagógica na perspetiva em que o fazemos (para tornar visível as aprendizagens das crianças, valorizar a sua atividade e projetar a ação pedagógica), dá à criança uma maior consciência daquilo que ela é capaz de fazer e do lugar importante que ocupa no grupo e no Centro. Isso está presente não só nas paredes que falam e documentam a vida do Centro, como nos Portefólios Individuais que espelham processos de aprendizagem e de desenvolvimento.

Também o seu envolvimento nas propostas se desenvolveu, pois projetar a ação a partir da escuta ativa, indo ao encontro daquilo que são os verdadeiros interesses e necessidades das crianças, contribui para que tudo seja mais significativo e com sentido.

A preocupação em articular aquilo que se passa na sala com múltiplas linguagens, sobretudo artísticas, amplia exponencialmente as experiências e as oportunidades das crianças, sendo que estas navegam de uma para as outras, mostrando-se mais enriquecidas a cada passagem. São crianças mais criativas.

No que diz respeito à Interioridade, o facto de já estar implementada uma rotina e de as crianças participarem regularmente em sessões/momentos de interioridade, tem revelado alguns ganhos. Consideramos que estão mais

conscientes de si e dos outros, revelam uma maior capacidade de escuta nestes momentos, sabendo que estes momentos são diferentes de outras situações que vivem no Centro. Mostram uma maior capacidade em partilhar e em expressar as suas emoções e opiniões.

Estão mais observadoras, vivendo de forma mais intensa os momentos de contemplação, sendo capazes de parar e de refletir de forma mais profunda. Bebem das histórias, dos exemplos bíblicos, da vida de Paula e das parábolas que são partilhadas, ampliando o seu saber sobre esses assuntos.

O seu envolvimento em campanhas de solidariedade e de reciclagem também contribui para que as nossas crianças se mostrem mais atentas às necessidades dos outros e ao cuidado da casa comum.



Que resultados são já visíveis nas aprendizagens e no desenvolvimento dos nossos alunos?

Equipa Nacional de Avaliação Bússola 21:

Clara Craveiro^{1,2}

Isabel Cláudia Nogueira^{1,3}

João Gouveia Lopes^{1,2}

Mónica Nogueira Soares^{1,4}

¹Centro de Investigação de Paula Frassinetti

²Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento

³Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores

⁴Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento

O desenvolvimento integral das crianças e jovens é uma das prioridades na educação. Educar deve implicar o desenvolvimento e a promoção de competências pessoais, cognitivas e académicas e a integração e inclusão social e profissional das novas gerações num contexto social em constante evolução, promovendo também o sucesso educativo. Para isso, é fundamental favorecer a escola como um (novo) espaço de intervenção, enquanto espaço lugar privilegiado do ato educativo, que é, em si mesmo, também um desígnio social. São vários e diversos os normativos legais e os documentos orientadores da e para a educação, tanto a nível nacional como no que diz respeito ao Bússola 21. Por exemplo, o referencial do Perfil dos(as) Alunos(as) é muito diretivo e esclarecedor relativamente às competências que devem ser promovidas e desenvolvidas nas crianças e jovens dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias.

Cinco anos volvidos desde o arranque do Bússola 21, também a Equipa Nacional de Avaliação tem estado atenta aos resultados que já parecem começar a evidenciar-se ao nível das aprendizagens e ao nível do desenvolvimento das crianças e jovens. Partindo do Perfil dos(as) Alunos(as) o, documento orientador fundamental do Bússola 21, é perceptível e claro que a educação objetiva crianças e jovens autónomos, confiantes, conscientes de si mesmos e dos outros, responsáveis, com espírito crítico, criativos e competentes a vários níveis, tanto ao nível das aprendizagens formais, como em função das intervenções anteriores, também ao nível das aprendizagens informais.

As intervenções dos diferentes Centros Educativos permitiram compreender que existem várias dimensões que têm sido tidas em consideração pelas intervenções e ações implementadas nas três áreas de inovação do Bússola 21. Contudo, estas parecem ainda ser resultado das perceções dos diversos agentes educativos envolvidos nas diferentes ações e não necessariamente de avaliações baseadas em evidências. Fazendo um breve balanço da análise realizada dos documentos de monitorização das ações das três áreas de inovação aos quais a Equipa Nacional de Avaliação teve acesso, foi possível concluir

que, na área de inovação da Participação das Crianças, as ações permitiram aferir uma maior implicação e responsabilidade com uma voz mais ativa, uma postura mais crítica e um papel mais ativo nos processos de tomada de decisão sobre e no contexto educativo. Quanto à área de inovação da Educação da Interioridade, a referência principal prende-se a maiores níveis de felicidade e tranquilidade nas crianças e jovens. No que diz respeito à área de Inovação da Gestão de Currículo, é manifestada uma perceção de uma formação mais integral e mais controlada por parte dos próprios alunos, tanto no processo de aprendizagem, como ao nível dos resultados académicos. Existe também referência a melhorias ao nível da construção do(s) significado(s) sobre a escola e do papel da escola, assim como é mencionada a existência de mais oportunidades para os alunos que evidenciam dificuldades de aprendizagem.

Conscientes do percurso trilhado e da evolução, crescimento e desenvolvimento que os cinco anos de Bússola 21 representam, a Equipa Nacional de Avaliação lança dois desafios aos Centros Educativos das Irmãs Doroteias. O primeiro, um desafio coletivo, prende-se com a intencionalidade. Todas as ações e medidas pedagógicas pressupõem intencionalidades, objetivos, indicadores e metas. Assim, o primeiro desafio para todos os envolvidos no Bússola 21 passa por concretizar as competências visadas no Perfil dos(as) Alunos(as) do Bússola 21 em indicadores concretos e objetivos para as diferentes áreas de inovação, incidindo em competências pessoais e sociais, mas também em competências e aprendizagens formais e até mesmo considerando os resultados académicos. O segundo desafio, mais individual, passa por cada um refletir “o que é que *EU* posso *FAZER* para contribuir para o desenvolvimento integral das crianças e dos jovens que fazem parte de Bússola 21 no *FUTURO?*”. Neste desafio, destacam-se 3 dimensões: o *Eu*; o *Fazer*; e o *Futuro*. O *Eu* implica a responsabilidade pessoal que cada um tem na construção de soluções, ações, medidas e de compromisso para a concretização do Bússola 21. O *Fazer* recai sobre a dimensão prática de todo o saber teórico que foi

sendo construído. O referencial teórico que sustenta o Bússola 21 terá limitada utilidade e valor se, no cotidiano dos Centros Educativos, os diferentes agentes educativos não colocarem este referencial teórico em prática. E, por último, a dimensão do *Futuro*, uma lógica construtiva de fazer algo diferente sem estar ancorado ao passado, ao que não é possível mudar; a importância de desenvolver, crescer e construir com o foco no futuro, numa lógica de

colaboração e cooperação. *O que é que se pode fazer diferente a partir de hoje? O que é necessário? Quem é necessário? Como será o caminho? Qual é o destino?*

Estas são, no nosso entender, reflexões fundamentais para que sejam pensadas intencionalmente e eficazmente estratégias de desenvolvimento, crescimento e aprendizagem das crianças e jovens com impacto nas suas formas de pensar, saber, ser e agir.

Como comunicamos o Bússola 21 aos educadores, crianças e famílias?

Adriana Moreira (ISJ)



O projeto Bússola 21, iniciado no ano de 2017, foi comunicado à equipa através da exposição dos seus objetivos, pressupostos e de todo o processo que envolveria esta mudança educacional. De 2018 a 2023 aumentamos as equipas de inovação envolvendo mais educadores. Deste modo, enquanto comunicávamos o projeto Bússola 21 e as experiências que iam ser vividas fomos integrando mais educadores no processo de inovação. Em todo este processo as reuniões pedagógicas foram a nossa estratégia de comunicação/divulgação do projeto Bússola 21, momentos de partilha, reflexão, aprendizagem comum e crescimento profissional. Atualmente sentimos necessidade de cruzar/comunicar vivências e aprendizagens entre áreas de inovação (mensalmente agendamos uma reunião de partilha e comunicação entre as duas áreas de inovação - Participação/Interioridade). Consideramos que as ações de formação são uma forma de comunicar o projeto. Dar a possibilidade de capacitação é, sem dúvida, uma forma de motivar para este processo de mudança educacional.

Desde o início do projeto Bússola 21 que procuramos comunicar às famílias este processo de mudança. No Centro Educativo, nas visitas/entrevistas para novas inscrições, damos a conhecer a Instituição, o modo de educar e o processo de inovação que estamos a desenvolver (as áreas de inovação, objetivos e o impacto na educação das crianças). A plataforma pedagógica é o principal meio de comunicação com as famílias. Também no âmbito do projeto Bússola 21 foi o nosso meio de divulgação das iniciativas das áreas de inovação. Através das reuniões de Pais a equipa educativa partilha com as famílias iniciativas no âmbito do projeto e são, igualmente, chamadas a participar em dinâmicas das áreas de inovação. Entendemos que as exposições internas são uma forma de comunicar às famílias o projeto Bússola 21, concretamente, as experiências das áreas de inovação. Assim como através da documentação pedagógica (distribuída pelos espaços da Instituição) com a intencionalidade de documentar/ fundamentar e partilhar vivências, processos, aprendizagens.



As crianças são o reflexo da mudança que há em nós. São, naturalmente, parte integrante de todo o projeto Bússola 21. Entendemos que se apropriaram deste projeto através das práticas renovadas dos educadores que procuram

inovar nas experiências que lhes proporcionam e enquanto mediadores das suas iniciativas e motivações, no dia a dia, através dos espaços de atuação que lhes é dado para reflexão, escuta e capacidade de parar, silenciar. Através da postura do educador que confia nas potencialidades de cada criança, respeita a sua individualidade. Os importantes momentos de decisão que assegura diariamente com as crianças, a partilha, a cooperação com o educador que desempenha um papel de mediador, os convites e provocações que proporciona e o fazem sair da sua zona de conforto e permitem às crianças experienciarem momentos, materiais diversificados.

Consideramos que as crianças e a forma como atuam no contexto educativo são o reflexo de todas as aprendizagens dos educadores que têm sido feitas ao longo do percurso do Bússola 21 e espelham esta nova forma de olhar o papel que os adultos e as crianças têm no Centro Educativo.

Como temos comunicado o Bússola 21 aos professores, alunos e famílias? O que é preciso melhorar

Kathy Silva (OSPVI)

Desde o início do projeto, em que apenas alguns elementos da equipa faziam parte das oficinas, a equipa tomou como opção a inclusão de todos os docentes nas dinâmicas que foram implementadas. Para além de ter sido partilhado com todos em que consistia o Bússola 21, aquilo que foi desenvolvido não se ficou apenas nos grupos/salas dos titulares que integravam a oficina, mas foi desenhado de forma a que todos participassem e estivessem envolvidos (docentes - educadoras/especialistas e auxiliares).

Na área da Inovação, temos o exemplo das Assembleias de Centro (nas quais todas as turmas participavam, incluindo as creches através de um adulto que as representava); do projeto de reestruturação dos espaços (jardins e salas), que viu renascer um ateliê de artes visuais e surgir uma cozinha de lama que serve todos os grupos; a documentação pedagógica, que trazida para dentro do projeto, ganhou uma maior importância e chegou a todas as salas, assim como o desenvolvimento dos projetos em parceria. Mais tarde, os professores especialistas, que já faziam parte de uma destas dinâmicas, foram incluídos de outra forma, dando corpo e tornando mais consciente um projeto que articulava aquilo que acontecia nas salas com as diferentes linguagens (dança, música, etc.), ampliando aquilo que eram os interesses e a vontade das crianças.

No âmbito da Interioridade, o facto de as sessões serem preparadas para todas as turmas do Centro, fez com que todos estivessem diretamente integrados naquilo que se estava a passar.

Esta comunicação esteve igualmente presente nas reuniões de equipa, nas quais se ia partilhando (e refletindo!) aquilo que estava a acontecer em cada uma das oficinas. A comunicação do projeto foi assim integrada, gradual, natural, fluída. Fazia parte daquilo que se fazia. Foi uma espécie de *comunicação imersiva* (se é que lhe podemos chamar assim), comunicado através da própria experiência. Simultaneamente, numa das nossas tardes de formação, convidamos o Pedro Jesus para vir falar a todos os colaboradores sobre o Bússola 21, o que se revelou uma mais valia para a equipa.

No caso das crianças, o Bússola 21 integrado na prática, constituiu-se como uma continuidade daquilo que já era feito. As crianças sentiam (e sentem!) o projeto no dia-a-dia e em primeira mão. O nome Bússola aparecia em alguma conversa pontual com o grupo, quando havia algo externo para o qual as crianças eram chamados (como foi o caso do artigo que escrevemos no ano passado), mas naturalmente. Fazia e faz parte do caminho.

No que diz respeito às famílias, no primeiro ano não falamos sobre isso, até porque era o ano inicial, estávamos

a começar e fomos aconselhados nesse sentido, mas no segundo ano do projeto começamos a mencioná-lo nas nossas reuniões iniciais como algo integrado no projeto educativo do Centro. Participação e Interioridade passaram assim a fazer parte do léxico utilizado com as famílias. Paralelamente, quer na nossa galeria da Praça quer nos televisores da entrada do Centro, foram sendo publicados vídeos que davam conta das dinâmicas de inovação que estavam a ser desenvolvidos no Centro, o que foi dando a conhecer o projeto às famílias.

Este tem sido o caminho.

Quanto àquilo que julgamos ser necessário melhorar:

No que diz respeito aos docentes, garantir que toda a equipa está em sintonia, incluindo aqui, de forma mais consistente, o pessoal auxiliar e também os outros serviços (cozinha, limpeza, portaria), pois Participação e Interioridade devem estar espelhados na prática de todos e durante todo o tempo em que as crianças estão no Centro.

Apontamos como solução o maior investimento numa maior formação destes colaboradores e no seu maior envolvimento nas dinâmicas e nos projetos que se desenvolvem.

No que diz respeito às famílias, é chegada a hora de comunicar claramente aos pais as vantagens e os resultados da nossa abordagem: partilhar de forma mais fundamentada a nossa prática, dar conta às famílias de como é que o caminho que trilhamos contribui para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças (ex. publicar o nosso trabalho, partilhar os projetos desenvolvidos, promover momentos de encontro com pais/famílias só para falar sobre isso).

Ou seja, comunicar para o exterior, de forma mais consistente, o trabalho sério que temos vindo a desenvolver no nosso Centro Educativo.



Como temos comunicado o Bússola21 aos professores, alunos e famílias? O que é preciso melhorar?

Filomena Fiadeiro (FIC)

Desde o começo deste projeto houve mudanças significativas quer ao nível das rotinas da instituição quer no modo de trabalho das educadoras e auxiliares de ação educativa. A equipa diretiva proporcionou mais encontros para que as educadoras pudessem refletir e analisar o trabalho pedagógico. Também foi proporcionado encontros das equipas de sala para que fosse possível envolver as auxiliares no Bússola 21.

Com as mudanças e adaptações da nossa prática pedagógica, modificámos também o modo como é feita a comunicação, com toda a Comunidade Educativa...

E então coloca-se a questão: o que comunicamos?

Sendo o Perfil dos(as) Alunos(as) uma base do Bússola 21 foi nossa prioridade assumi-lo e vivê-lo em comunidade educativa. Seleccionámos para as duas valências, creche e pré-escolar, as Competências e Descritores que achámos mais adequados à nossa realidade, os quais passaram a estar contemplados na nossa documentação pedagógica.

E como comunicamos?

JORNAL PAREDE EXTERNO, placar na entrada principal da Instituição dinamizado semanalmente pelas valências da Instituição: creche, pré-escolar e ATL, de forma rotativa e com uma semana comum atribuída à Instituição. Havendo uma equipa responsável por este meio, o jornal tem como objetivo comunicar o que se vive, o modo de ser, estar e fazer.

JORNAL PAREDE INTERNO, em diferentes espaços da Instituição, cada sala expõe de forma lúdica atividades, projetos e situações vividas em cada grupo acompanhadas de uma informação contextualizando a intenção pedagógica.

CLASSROOM, nesta plataforma digital semanalmente o pré-escolar e quinzenalmente a creche partilham com as famílias situações, atividades ou projetos que tenham sido significativos, sendo acompanhados por uma fundamentação pedagógica.

ASSEMBLEIA DE CENTRO onde partilhamos ideias, opiniões, situações práticas da escola com vista a melhorar o Bem Comum. Com a representação de todas as valências é decidido democraticamente a resolução dos tópicos e cujos registos são partilhados com toda a comunidade educativa, no Jornal de Parede externo.

SESSÕES DE INTERIORIDADE COM AS FAMÍLIAS, estes momentos que já são habituais no nosso centro educativo proporcionam às famílias uma consciencialização de um modo de estar, sentir e viver o eu, o nós e o mundo. As famílias envolvem-se nestas propostas demonstrando gosto e interesse pelas paragens que estes momentos proporcionam, expressando verbalmente e nas avaliações que fazemos através de formulários.

Sublinhamos ainda uma maior interação entre colegas, através de uma hora não letiva diária, onde passou a haver partilha de ideias, saberes e “boas práticas”. Relativamente ainda à comunicação com as famílias, esta também acontece através das reuniões de sala e das reuniões individuais com os encarregados de educação.

Esta forma de comunicar aproximou-nos como comunidade educativa. Tendo consciência de que demos passos pequenos e firmes e que não chegámos à meta, o caminho continua.

(Re)animadores de andorinhas... ou um ato de amor e resistência que encara a inovação em educação como construção de uma narrativa comum

Pedro Jesus (EE)

No contexto atual, profundamente marcado pela aceleração do tempo, pela hiper-conectividade e pelos critérios de eficiência e utilidade, contexto esse que nos envolve e a que queremos responder, decidi perguntar ao ChatGPT: “Como comunicar eficazmente a inovação na educação escolar a professores, alunos e pais?”

A resposta, ultrarrápida, parece carregada de ponderação e aponta, de modo surpreendente ou talvez não, para um conjunto de passos (ou dicas) capazes – porque não? – de nos fazer (re)pensar os modos como comunicamos o Bússola 21. Mas não é dessa ou de outra teoria que vos queria falar.

O filósofo Byung Han alerta-nos para a possibilidade de nos estarmos a aproximar do “Fim da Ação Comunicativa.” Por um lado, a comunicação digital difunde-se, sem ser filtrada, pelo espaço público; produz-se em espaços privados e é enviada para espaços privados. Por outro lado, as redes sociais intensificam essa comunicação sem comunidade – as “communities” digitais são, na verdade, segundo o autor, “commodities”.

Essa crise atual da ação comunicativa pode atribuir-se, segundo Han, à circunstância *de que o outro está em vias de desaparecimento*. Significando, isso, o fim do discurso, entendido como *prática do escutar*.

Serve-me esta reflexão para considerar que toda a estratégia de comunicação e todas as ferramentas que se possam adotar no âmbito da inovação nos nossos centros educativos – e devemos procurar as mais adequadas – devem estar ao serviço dessa *prática do escutar*.

Assim, a imagem que me parece ilustrar esse desígnio de ocorrência da “Ação Comunicativa”, a ferramenta primor-

dial, poderia ser uma MESA. Mesa como espaço e tempo de encontro. Como quando nos juntamos com amigos e cada um leva algo de seu, preparado para a mesa comum.

Penso que já teremos aprendido que nenhum modelo de inovação pedagógica ou organizacional gerará um horizonte ou propósito comum, que nos envolva a todos e dê sentido à nossa ação coletiva. Mas o diálogo continuado, a inovação entendida não como produto mas como construção de uma narrativa comum, de um propósito para a nossa reflexão e ação, é potencialmente geradora de modelos que podemos ir testando e aperfeiçoando, mais capazes de responder aos múltiplos desafios que se vão deparando no caminho. E essa beleza tem ficado bem patente aqui, ao longo do dia.

Creio que isso nos responsabiliza, em cada centro educativo e na rede, a cuidar/preparar bem cada reunião, cada encontro, com professores, com pais e com alunos. Sendo bem preparados esses encontros, cada pessoa pode e terá alegria em levar algo de seu, e, assim, em conjunto, a mesa comum torna-se um sentido comum a apontar na mesma direção, onde todos têm lugar e são importantes.

Como tão bem disse Elman Salmann,
“Não há ninguém que não tenha o seu lado coxo, que não traga no rosto a marca de alguma derrota, de um trauma. Mas também não há ninguém que não traga consigo um fragmento de esplendor”.

Nessa dinâmica comunicativa em que ocorre comunicação (passe o pleonasma), estaremos mais perto de responder eficazmente aos desafios que se vão continuamente colocando a uma educação humanizadora:
“Uma andorinha caída é uma andorinha por reanimar, ponto final!” (Daniel Pennac)

Que lideranças está a requerer o Bússola 21? Como nos estamos a preparar para desafios tão vastos e profundos?

Sónia Cunha (CS)

Há competências que destacamos como pertinentes e essenciais para levar a cabo as exigências e os desafios da Bússola 21. São elas: uma **liderança visionária**, onde todas as direções devem ser capazes de desenvolver uma visão clara do que uma educação de qualidade no século XXI representa, e articular essa visão de forma inspiradora para toda a comunidade escolar; um **pensamento estratégico**, considerando que estas mesmas direções precisam de ser capazes de criar estratégias eficazes para a implementação de uma visão educacional cada vez mais de referência, definindo assim as metas e os objetivos de forma mais clara e desenvolvendo planos de ação realistas; uma **gestão da mudança**, em que as direções devem ser capazes de reforçar as suas capacidades de liderar processos de mudança, identificar e superar resistências, promovendo uma cultura de inovação e capacitar os membros das diferentes áreas de inovação a se adaptarem e abraçarem novas práticas e abordagens; capacidade de **tomada de decisão**, devendo procurar ser proficientes em reunir e analisar dados relevantes para tomar decisões informadas e fundamentadas, melhorando, inovando e obtendo resultados cada vez mais positivos; uma **comunicação eficaz**, tendo em conta que as direções devem ser excelentes comunicadoras, capazes de comunicarem de forma clara e perseverante com todos os membros da comunidade escolar, incluindo alunos, pais, professores e funcionários; **empoderamento**, mostrando-se capazes de identificar talentos, capacitar e ajudar no desenvolvimento dos membros das áreas de inovação, proporcionando oportunidades de crescimento profissional e criando um ambiente de trabalho colaborativo e motivador.

Com a crescente integração de **tecnologia** na educação, as direções devem estar atualizadas sobre as últimas tendências e práticas de tecnologia educacional, a fim de tomarem decisões informadas sobre a implementação de recursos tecnológicos na escola.

Há ainda necessidade de respeitar a **sensibilidade cultural e inclusão**. As direções devem demonstrar uma compreensão profunda da diversidade cultural presente na comunidade escolar e promover uma educação inclusiva que valorize e respeite todas as identidades e perspetivas.

Por último, consideramos que as direções devem ser capazes de estabelecer **parcerias** eficazes com outros líderes educativos e direções, organizações da comunidade local e regional, bem como outros setores relevantes para promover a **colaboração**, compartilhar recursos e promover melhores práticas na educação. Estas competências são necessárias para guiar as escolas rumo a um ambiente educacional que seja relevante, dinâmico, centrado no aluno e preparado para os desafios do século XXI.

Na nossa escola já é possível verificarmos a conquista de alguns desafios que nos colocaram, em que nos colocamos, bem como aqueles que foram surgindo. É, desta forma, possível constatar-se a promoção de uma cultura de inovação, através do estímulo de uma mentalidade aberta à mudança, onde os professores, funcionários e alunos se sintam motivados a procurar novas ideias e abordagens educativas; pela incorporação de ferramentas digitais e recursos tecnológicos relevantes para melhorar o processo de ensino-aprendizagem, como plataformas de comunicação com os pais e ao mesmo tempo melhorar a rede da internet; bem como na fusão das oficinas/áreas de inovação, das disciplinas, criando as TAC + Oficinas de Projeto e na alteração dos horários (reformulação/ gestão de horários).

Consideramos, contudo, ser necessário dar continuidade a alguns aspetos: a estabelecer parcerias externas, implementando uma colaboração contínua com instituições académicas, que visam trazer novas experiências e novos conhecimentos para o Colégio; a desenvolver um programa de formação contínua (PA-DePE), proporcionando oportunidades de formação para os professores e funcionários, capacitando-os com competências atualizadas e estratégias pedagógicas inovadoras; estimular o pensamento criativo e dar continuidade ao trabalho em equipa, fomentando projetos colaborativos e atividades interdisciplinares, incentivando os alunos a resolver problemas complexos de forma criativa; criar espaços de aprendizagem flexíveis, de forma a projetar ambientes que facilitem a experimentação, a colaboração e a interação entre os alunos, permitindo diferentes configurações para atender às necessidades.

Que lideranças está a requerer o Bússola 21? Como nos estamos a preparar para desafios tão vastos e profundos?

Paula Martins (CIC)

O ano 2017 marcou a viragem nos Centros Educativos das Irmãs Doroteias. Foi-nos proposto o desafio de impulsionar a inovação pedagógica e criar ambientes de aprendizagem verdadeiramente transformadores. Chegámos à conclusão de que a mudança não era uma opção, mas sim uma necessidade, num mundo em constante renovação! Para acompanhar a velocidade vertiginosa das mudanças e maximizar o potencial dos alunos, a inovação pedagógica tornava-se, assim, indispensável. O desafio foi, desde logo, abraçado com entusiasmo, que não deixava, contudo, de ser balizado pelo real receio de falhar. Estávamos cientes de que a implementação bem-sucedida de inovação necessitava de líderes educacionais visionários e empenhados.

No epicentro desta transformação, deviam emergir lideranças educativas capazes de gerar uma cultura de inovação, motivando professores e alunos a abraçar novas práticas. Estamos em 2023, já com um vasto caminho percorrido no campo da inovação pedagógica. O Colégio da Imaculada Conceição não é o mesmo e continua a convicção de que uma escola transformadora precisa de líderes educacionais transformadores, que sejam visionários, humildes, dedicados, ousados, reflexivos, criativos e inspiradores. Contudo, temos consciência de que as lideranças do nosso Colégio, mais do que transformadoras, são lideranças em transformação, apostando no desenvolvimento das relações, através da confiança e consistência, incluindo liberdade para falhar e espaço para experimentar, sendo este pressuposto essencial para a inovação e a mudança. Parece-nos que esta aceitação da possibilidade de falhar (porque existe espaço para experimentar, sendo válido para todos os elementos da nossa Comunidade Educativa) constitui um fator possibilitador do sucesso da Inovação Pedagógica.

Para concluir, não queremos deixar de apontar as características que nos parecem essenciais para as lideranças de uma Escola Inovadora como agentes de transformação:

1. **Visão e Sentido de Missão:** os líderes são determinados e têm uma visão clara do papel que a educação deve e pode desempenhar, estando ao

serviço da missão da Escola. Assumem a responsabilidade social de serem líderes numa escola transformadora. São capazes de gerar energia e paixão na ação dos outros. Uma boa liderança comunica, eficazmente, visão e propósito da mudança.

2. **Hospitalidade, Capacitação e Colaboração:** são especialistas em dar poder às pessoas – incentivam a participação ativa de todos os envolvidos no processo educacional e criam um ambiente de confiança e valorização mútua. A liderança deve estabelecer, promover e facilitar experiências colaborativas, incorporando-as nos valores da escola. O ambiente motivador permitirá que colegas influenciem positivamente os seus pares.
3. **Apoio à Formação Contínua:** são líderes de uma comunidade aprendente, que propicia aprendizagem, mas que também aprende e se desenvolve, transformando-se em escola reflexiva, um verdadeiro “organismo vivo” (Alarcão). Compreendem que é na escola que os professores se fazem professores, sendo a aprendizagem um processo constante também para eles.
4. **Pensamento Criativo e Resolução de Problemas:** os líderes são confiantes através da humildade, pois reconhecem que são aprendizes, tendo uma mente aberta. Têm sensibilidade para se aperceberem dos problemas e das suas causas, hierarquizando o que lhes deu origem. Têm a perceção de que devem ter altos níveis de proficiência nas suas funções, para que possam promover, naturalmente, a experimentação e a exploração de novas ideias, para tornar a educação mais envolvente e relevante, incentivando a criatividade.
5. **Assunção do Risco, Ousadia e Resiliência:** os líderes são ousados, capazes de assumir riscos e são resilientes. São capazes de arriscar! Sabem que existirão sempre obstáculos, estando aptos para os enfrentar e os superar. Os líderes abraçam a mudança, aprendem com os erros e não desistem! Mantêm o foco na transformação educacional.

Que lideranças está a requerer o Bússola 21? Como nos estamos a preparar para desafios tão vastos e profundos?

Dina Pais e Sousa (EP)

A natureza da organização escolar é complexa, pois é composta por um conjunto de pessoas. Idealmente, essas pessoas deveriam, num ambiente dinâmico, interatuarem cooperativamente, estabelecendo relações entre si de forma a atingirem um ambiente comum. No entanto, a eficácia desta dinâmica depende diretamente de uma liderança que se quer autêntica, que seja sensível aos valores, às crenças e às necessidades da comunidade local. Os membros das direções dos colégios dependem amplamente da liderança como veículo principal para conseguirem influenciar os membros da comunidade escolar a, voluntariamente, mudar as suas preferências, contribuindo também para o desenvolvimento de uma cultura/visão própria da escola. As direções devem arriscar a fazer melhor, mais eficiente, mais

dinâmico, e sair da zona de conforto; gerir uma escola com autonomia, criando uma gestão flexível, baseada na confiança, na liderança partilhada, na autonomia e na abertura, que facilite e promova a participação crítica de todos. Este envolvimento implica valorizar a cultura de escola e o trabalho em equipa, em detrimento do individualismo. O papel dos diretores da escola passa pela capacidade de intervir ao nível de fatores de suporte, de forma a criar condições para que os fatores pessoais encontrem condições para se transformarem em competências. Mais do que uma liderança autêntica e genuína, é necessário envolver uma gestão logística traduzida num excelente planeamento, em práticas de gestão saudáveis, aplicação eficaz, sensibilidade, bem como na capacidade de comprometimento na prática.

Que lideranças está a requerer o Bússola 21? Como nos estamos a preparar para desafios tão vastos e profundos?

José Luís Gonçalves e Irmã Margarida Ribeirinha (EE)

Tendo em conta o caminho percorrido e diante dos desafios da «Escola Que Queremos» alcançar em 2026, apontamos as seguintes características para as lideranças:

¾

- **Lideranças que acreditam e recentram permanentemente a sua ação na inovação e melhoria escolar iniciado com o Bússola 21**
 - Manifestam entusiasmo nas propostas e nas soluções de integração das áreas de inovação preconizadas.
 - Abrem o seu Centro à aprendizagem com outros Centros, dentro e fora da Rede Doroteia.
 - Repensam a organização interna em função da «Escola Que Queremos».
 - Impulsionam todos a alcançar as Metas anuais estabelecidas na EQQ.
- **Lideranças que apoiam a capacitação interna dos seus recursos nos três domínios de inovação da «Escola Que Queremos»**
 - Identificam equipas e pessoas e potenciam as suas competências.
 - Conferem importância ao conhecimento de cada um, manifestando audácia ao apostarem em pessoas “improváveis” ao pensar comum...
 - Criam tempos e oportunidades de trabalho colaborativo das equipas;
 - Criam condições e espaço para o trabalho corporativo...
 - Impregnam a ação de seu Centro com uma cultura de avaliação e melhoria contantes.
- **Lideranças que se comprometem com uma renovação da cultura escolar...**

... que envolve alunos, professores, funcionários e famílias na construção desta nova cultura, onde cada pessoa se sente amada, e como resposta a esse amor, se coloca ao serviço dos outros para a transformação do mundo na grande família de Deus.

O Perfil dos(as) Alunos(as) constitui o documento de referência para toda a nossa ação educativa, por isso se promove a sua incorporação em todas as planificações curriculares. Este desiderato:

 - requer uma conceção do currículo escolar como algo também “inteiro”, que integre todas as dimensões do desenvolvimento de cada pessoa (cognitivas, emocionais e morais) e toda a ação educativa, as disciplinas do currículo nacional, os domínios curriculares específicos e próprios dos CE das Irmãs Doroteias (Educação da Interioridade, Pastoral, Educação Moral e Religiosa Católica, ...), todo o ambiente escolar e todos os que nele interagem;
- **Lideranças que traduzem a sua paixão por cada criança através da pedagogia do Evangelho, educando ao estilo de Paula, mulher inovadora, quer para a sua época quer para o seu espaço**
 - Inovadora na sua finalidade transformadora: a educação (formal) é considerada não um fim em si mesma, mas um meio de promoção, uma promoção preventiva e dignificadora (considerada, deste modo, a partir da leitura da realidade que Paula Frassinetti faz das necessidades específicas com que se depara);
 - Inovadora nos seus destinatários: dá atenção às mulheres, às crianças, aos mais pobres, às famílias;
 - Inovadora nas estratégias utilizadas: na preferência manifestada pela educação personalizada e pelo modelo de uma relação de proximidade entre educando e educador, em que usa como recurso fundamental o “coração”. Educar “pela

via do Coração e do Amor”, educar com “firmeza e suavidade” rejeitando o autoritarismo; pela defesa do espírito de família e de serviço, e da simplicidade; pela vivência em conjunto de experiências significativas.

As Constituições da Congregação (n.º 26) resumem esta vocação educativa:

“Pela nossa vocação na Igreja somos enviadas a evangelizar através da educação, com preferência pela ju-

ventude e os mais pobres. Educar para nós significa deixar-nos possuir pela pedagogia do Evangelho que leva o Homem a descobrir que é amado por Deus, colocar a pessoa no centro, acolher cada um na sua realidade, promover a autoestima, o desejo de “mais... ser concreto em cada situação, para que o outro possa, porque o experimentou em atitudes, nas coisas mais simples do quotidiano, acreditar nesse amor e a crescer como pessoa até à plenitude da maturidade em Cristo” (C. 26).

Avaliar a inovação é preciso: mas como deixar de ser sobrecarga e passar a ser um investimento?

Equipa Nacional de Avaliação Bússola 21:

Clara Craveiro^{1,2}

Isabel Cláudia Nogueira^{1,3}

João Gouveia Lopes^{1,2}

Mónica Nogueira Soares^{1,4}

¹Centro de Investigação de Paula Frassinetti

²Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento

³Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores

⁴Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento

Ajudar a simplificar a avaliação do Bússola 21 em 10 minutos sem resvalar para algum simplismo não era tarefa simples. A nossa opção consistiu, por isso, em identificar ideias-chave que funcionassem como mote e glosá-las em jeito KISS (*keep it short and simple*).

De forma a enquadrar essas ideias-chave, pareceu-nos importante começar pelo próprio conceito de avaliação, até e desde logo pela necessidade de consensualizar perspetivas e propósitos.

Não se tratando de um conceito unívoco, há algum consenso em torno da ideia segundo a qual **avaliar implica a formulação de um juízo a partir da comparação entre um referente e um referido**. A avaliação implica recolha de informações (sobre o referido ou objeto de avaliação) e a sua comparação com um conjunto de critérios ou padrões (referente), culminando na formulação de um juízo. Autores como Guba e Lincoln vão mais longe, fazendo seguir ao juízo de valor **a tomada de decisão e uma proposta de ação**. Esta posição (que aqui assumimos como princípio teórico) deixa claro que avaliar não significa necessariamente medir, exige que o avaliador, para além da dimensão técnica, seja um orquestrador de um processo de negociação e, portanto, obriga a que os avaliados sejam coautores do processo avaliativo.

Passemos, agora, às ideias-chave que animaram esta procura de descomplicar a avaliação.

Ideia 1: O vento nunca é favorável a quem não sabe onde quer ir (Séneca)

Esta frase destaca a importância da clareza de objetivos e direção, em tudo na vida. Séneca considerava que a consciência do que é verdadeiramente importante e a definição de um caminho claro em função de propósitos e objetivos igualmente claros permitia não ficarmos à mercê das circunstâncias e podermos, inclusive, melhor aproveitar as oportunidades que nos surgem.

Esta ideia corrobora o que atrás se afirmou quanto à necessidade de um referente; ou seja, de objetivos, critérios e indicadores que indiquem, com a clareza possível, onde se pretende chegar. Só assim se poderá saber se o cami-

nho é o correto, se há necessidade de melhorar ou rever a forma como se caminha e, por fim, se se chega (ou não) ao sítio pretendido.

Acontece, ainda, que uma correta e útil definição de objetivos, com indicadores e metas utilizáveis para avaliar, depende do conhecimento do ponto de partida. Simplificando, depende da forma como se diagnostica.

Ideia 2: A melhor forma de resolver um problema é conhecê-lo (Einstein)

Antes de se partir para a resolução de um problema, importa entender completamente a sua natureza, formulando as questões corretas, explorando aprofundadamente as suas causas subjacentes e os efeitos que gera. Uma correta definição de objetivos (que simplifica a avaliação ao focá-la no essencial) tem, portanto e obrigatoriamente, de assentar numa adequada avaliação-diagnóstica. Como analogia, imagine o leitor as consequências do desempenho de um médico que avança para a prescrição do medicamento limitando-se a uma abordagem impressionista dos seus sintomas, sem a necessária identificação das suas causas.

Ideia 3: A obsessão do termómetro nunca fez baixar a temperatura (Charles Revson)

De facto, para resolver um problema não basta medi-lo. A obsessão com números e métricas não é suficiente para causar um impacto real ou mudar a situação.

Não se pretende, com esta afirmação, negar a importância, em qualquer processo avaliativo, de dispor de indicadores. Visa-se, antes, recordar que as métricas, por exatas que sejam, não são suficientes.

A questão da quantificação de indicadores de avaliação tem dividido opiniões. De um lado, há quem considere que “se não se pode medir, não se pode avaliar/melhorar”. De outro, quem nos recorde que, por exemplo, a diminuição na taxa de criminalidade de uma cidade pode não significar uma verdadeira redução do número de crimes cometidos, mas apenas refletir a forma como a polícia mudou os procedimentos para diminuir o número. Ou seja, e nas

palavras de Campbell, “quanto mais qualquer indicador social quantitativo for utilizado para a tomada de decisões sociais, mais poderá ser corrompido e mais poderá contribuir para distorcer e corromper os processos sociais que pretende monitorizar”.

Daqui resulta evidente que, num processo avaliativo, importa ter presente que há indicadores de processo e de resultado (convém saber quais são quais e perceber que os últimos dependem dos primeiros) e, ainda, que esses indicadores podem e devem ser quantitativos e qualitativos. Entre outras vantagens, evita-se o rótulo de positivismo, classificação pouco elogiosa nos tempos que correm

Ideia 4: Diz-me como avalias, dir-te-ei como *geres*

A verdadeira frase é “Diz-me como avalias, dir-te-ei como ensinas” e é atribuída a Johann Friedrich Herbart, filósofo e educador alemão do século XIX. A ideia importante que a frase original sugere é a de que a forma como os alunos são avaliados reflete a abordagem pedagógica dos professores. Se estes valorizarem a memorização e a reprodução de informações, as avaliações provavelmente terão um enfoque mais tradicional e baseado em testes. Por outro lado, se enfatizarem a compreensão, a aplicação prática e o pensamento crítico dos seus alunos, os instrumen-

tos e abordagens avaliativos refletirão essas capacidades. A adaptação por nós feita à frase original visa, para além disso, destacar a importância de alinhar a avaliação com os objetivos e com os métodos. Esta ideia de alinhamento (coerência) pode traduzir-se em linguagem coloquial (simples, portanto) - serve de pouco definir objetivos para sul, caminhar para leste e avaliar a norte.

Paralelamente, o significado da frase (adaptada) permite ainda inferir algumas ideias que, julgamos, são úteis para as estruturas de gestão dos Centros Educativos das Irmãs Doroteias.

Antes de dar início a qualquer processo avaliativo (de projetos, de intervenções, de desempenho de docentes e colaboradores, ...), importa que as Direções clarifiquem (consensualizando) os reais propósitos e intenções avaliativos. Este passo é decisivo para poder organizar e levar a cabo avaliações dignas desse nome, por exemplo, nomeando e responsabilizando uma equipa pela avaliação interna. Mas isso exige estratégias que, a verem-se aqui detalhadas, complicariam o que era suposto ser uma mensagem de simplificação.

Terminamos como começámos - com a esperança de, procurando ser simples, não termos sido simplistas.



DOROTÉIAS
DA PROVÍNCIA
PORTUGUESA

www.irmasdoroteias.pt
